

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Bruna Carla dos Santos

**PERCURSOS DA MEMÓRIA EM POEMAS  
DE ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Belo Horizonte

2017

Bruna Carla dos Santos

**PERCURSOS DA MEMÓRIA EM POEMAS  
DE ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Nazareth Soares  
Fonseca

Linha de pesquisa: Identidade e Alteridade na  
Literatura

Área de concentração: Literaturas de língua  
portuguesa

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237p Santos, Bruna Carla dos  
Percurso da memória em poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo /  
Bruna Carla dos Santos. Belo Horizonte, 2017.  
75 f.

Orientadora: Maria Nazareth Soares Fonseca  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Poesia - Crítica e interpretação. 2. Negros na literatura. 3. Cruz, Ana -  
Crítica e interpretação. 4. Evaristo, Conceição, 1946- - Crítica e interpretação. 5.  
Memória na literatura. I. Fonseca, Maria Nazareth Soares. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.  
III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 869.0(81)-1

Bruna Carla dos Santos

**PERCURSOS DA MEMÓRIA EM POEMAS  
DE ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literaturas de língua portuguesa

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Nazareth Soares Fonseca - PUC Minas (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Roberta Maria Alves - UFVJM (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Eduardo Assis Duarte - UFMG (Banca Examinadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Beatriz Junqueira Guimarães - PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 24 de março de 2017

*Aos meus queridos(as) avós, Afonso Gonçalves Neves e Geni Gonçalves Neves  
(in memoriam), que se estivessem vivos estariam felizes por este grande momento  
de minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Tornar-se Mestre em um país tão sofrido e injusto como o Brasil ainda é para poucos, principalmente para nós, negros, que desde o nosso levantar até a hora do descanso lutamos contra o preconceito que nos cerca, seja pela nossa forma de agir, seja simplesmente pela cor da nossa pele. Assim, agradeço a Deus por esta oportunidade de concretizar este sonho e às pessoas e à Instituição que contribuíram para sua concretização.

Agradeço a minha querida mãe Lúcia de Fátima Gonçalves Neves que, com seu jeito simples e singelo, sempre esteve ao meu lado; sendo também paciente amorosa e – uma das qualidades que a faz se distinguir – compreensiva, ela está constantemente me apoiando nas decisões que tenho tomado durante esta trajetória. Ao meu pai Vantuil dos Santos Filho e aos meus irmãos.

A todos os meus familiares, a minha tia Fernanda, Sulinha, e seu esposo Joaquim, seus filhos e neto Luiz Felipe. Aos meus tios Luiz Carlos e primos Débora e Élder.

Aos dois grandes professores que fizeram e fazem a diferença em minha vida: a querida professora orientadora Maria Nazareth Soares Fonseca, pela dedicação, carinho que não tem tamanho, compreensão, paciência (e muita, pelas teimosias de sua orientanda) e pela sua forma de ser tão incentivadora e prestativa. Ao querido professor Eduardo Assis Duarte, pela receptividade e respeito, por ter me aceitado no NEIA (Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Alteridade), pelo qual tenho muito carinho e afeição, pois foi como integrante desse grupo que aprendi a ter a verdadeira paixão pela minha identidade negra e me reconhecer como tal, fazendo disso meu objeto de estudo.

À minha querida amiga Marta Alice Silva e sua família: Dona Naná, Sandra, Anabel e seus sobrinhos e irmãos, que abriram as portas de sua casa para meus estudos. Martinha sempre muito atenciosa, compreensiva e consciente do que isso significa me chamava atenção com sua forma brava de ser, mas também carinhosa e com um coração do tamanho do mundo. À Rina Catarina Silva, amiga desde os tempos de cursinho, incentivadora, compreensiva, por sempre acreditar em mim, que é um ato muito importante.

Aos demais amigos e amigas, Meryane Geisa Bastos, Wilson Gregório, Hélio Lima, Carolina Cunha de Oliveira, Flávia Carvalho, Andreza Gonçalves, Lidiane Gomes, Ângelo Pereira Fonseca Neto, Elmo Gomes, Evandro Nascimento, Carlene Nascimento, Eliana Alves, Tarcísio, Márcia Beatriz e Camila Amaral, e orações torcida de pessoas que compartilham comigo um caminhar de Solidariedade Hélvia Elaine, Aparecida, Dona Maria, Dona Nadir,

Dona Diná, Evair, José Margarido enfim, a todos: agradeço infinitamente pelo simples fato de gostarem de mim e compartilharem deste momento tão especial comigo.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas; Doutores Alexandre Veloso, Audemaro Taranto Goulart, Ivete Walty, Márcia Marques, Hugo Mari, Raquel Guimarães e Terezinha Taborda.

Aos meus colegas do NEIA, pela receptividade e respeito que sempre tiveram ao me acolherem, mesmo eu sendo de outra instituição.

Aos meus colegas do GEED (Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas), que sempre solícitos companheiros se tornaram amigos: Adriana, Alice, Assunção, Clara, Wellington, Francly, Lilian, Luciana e Karina Calado. E da pós-graduação: Alessandra Fonseca, Robson, Helen Leonarda, Elaine Cristina, Jorge, Mateus Pimpão, minha querida Janáina Melo e Gustavo Camargo.

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos.

À equipe da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, Berenice, Geovane, Jefferson e Rosária, pela atenção, competência, carisma e boa vontade em nos auxiliar.

## RESUMO

Esta dissertação objetiva analisar as estratégias poéticas utilizadas em poemas de Ana Cruz, dos livros *Guardados da Memória*, *E...Feito de Luz*, e *Mulheres Q'rezam*, e nos que compõem o livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo, destacando os percursos da memória individual e coletiva que neles se encenam. Procura-se discutir como, nos poemas em questão, o presente mostra-se construído pela revivência da história do povo negro brasileiro, herdeiro das tradições e experiência dos africanos escravizados, bem como essa experiência é passada aos descendentes, criando laços entre o vivido e o recordado. Nos poemas das duas escritoras, o passado lembrado é motivação para um maior conhecimento de vidas subalternizadas que, todavia, não deixaram de legar aos seus descendentes exemplos de luta e de vivência afetiva em coletividade. A sustentação das análises construídas sobre poemas das autoras, nas obras selecionadas, é dada por teóricos que discutem feições da memória, refletindo sobre suas diferentes características e funções. Dentre os vários teóricos solicitados pelas análises, destacam-se Andreas Huyssen, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, cujas reflexões reforçam o desejo de que as “escrevivências” das escritoras possam ser compreendidas em seus vários e importantes traçados poéticos.

Palavras-chave: Literatura afrodescendente. Poesia. Memória. Identidade. Lugares de memória.



## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the poetic strategies used in poems by Ana Cruz, from the books *Guardados da Memória*, *E...Feito de Luz*, and *Mulheres Q'rezam*, as well in those which make up the book *Poemas da recordação e outros movimentos*, by Conceição Evaristo, outlining the paths of individual and collective memories enacted within them. We intend to discuss how, within the poems addressed, the present is shown to be built as a recollection of the African-Brazilian people, heir to traditions and experiences from enslaved Africans, as well as how such experience is passed on to descendants, building bonds between lived and remembered. In the poems from both writers, the recalled past serves as motivation for greater knowledge about lives cast offside, who, in turn, have not refrained from handing down examples of resistance and affective living within a collectivity. Theoretical support for the proposed analysis is supplied by scholars who address notions of memory, focusing on its different roles and character. Among the various scholars adopted in the analysis we outline Andreas Huyssen, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, and Michel Pollak, whose thoughts reinforce the desire that the so-called “*escrevivência*” of the authors be addressed from their multiple and important poetic paths.

Keywords: African-descendent literature. Poetry. Memory. Identity. Places of memory.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 O MOVIMENTO VAIVÉM DA MEMÓRIA EM POEMAS DE ANA CRUZ.....</b>	<b>15</b>
<b>3. O MAR ONDULOSO DA MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....</b>	<b>34</b>
<b>4 ESPACIALIZAÇÕES DA MEMÓRIA EM POEMAS DE ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO.....</b>	<b>53</b>
<b>5 À GUIA DE CONCLUSÃO.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Somente essa vida é pouco

(...) Converso  
na rua, no espelho, detenho meus pensamentos com  
palavras  
e às vezes eu os anoto para que eles não sejam devorados  
por coisas inúteis. Porque minha compreensão  
somente é possível quando o pensamento ganha forma,  
aí eu sinto que estou começando a sentir  
produzindo conhecimento a partir do caos.  
Porque tem um tempo em que eu  
Sou só isso.

(CRUZ, 2001)

Primeiro, foi com a literatura oral vivida no seio da família, nasci cercada de palavras. Cresci escutando histórias narradas por minha mãe, tias e tios. Histórias da escravidão, de princesas, de assombrações e outras. Os causos sobravam pelos cantos de minha casa. E já que a imagem televisiva não invadia a nossa casa, o nosso imaginário foi se apurando no exercício de uma invenção própria, a partir daquilo que nos cercava.<sup>1</sup>

A partir das citações acima, podemos observar como os elementos das histórias orais foram fundamentais para a construção literária de Ana Cruz e Conceição Evaristo. Como destaca Conceição Evaristo, seus textos e poemas estão relacionados aos causos que “sobravam pelos cantos” de sua casa e às histórias narradas por sua família. A memória se constitui como elemento fundamental da criação literária das duas escritoras. Em cenários cercados pela imaginação, pela luta, pela resistência contra o apagamento das lembranças e vivências, bem como contra a miséria e o preconceito, nascem os poemas das duas escritoras. A escrita, e o seu poder de dar forma ao material revivido, muitas vezes fundamentado na realidade, foram o meio que as escritoras Conceição Evaristo e Ana Cruz encontraram para registrar e recriar suas memórias de infância e adolescência e suas “escrevivências<sup>2</sup>”, para usarmos o termo criado por Conceição Evaristo.

Com base em suas experiências de vida, de mulheres negras e pobres, a literatura e sua capacidade de encenar histórias lhes darão a chance de “desencadear a memória e partir da

<sup>1</sup> EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte. 2011.

<sup>2</sup> O termo “escrevivência” será utilizado, ao longo desta dissertação, com os sentidos dados por Conceição Evaristo na entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte (2011, p. 115). Nessa entrevista, a escritora refere-se às marcas de experiências vividas por ela em sua escrita, ressaltando: “quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora oriunda das classes populares [...], condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível.

escrita [que] só precisou do papel e do lápis mais nada” (EVARISTO, 2011, p. 109). Esse é o caminho que essas mulheres escritoras trilham para reconstruir suas memórias.

As duas escritoras assumem elementos da escrita produzida por escritores e escritoras afrodescendentes quando se voltam ao passado, a experiências e vivências recuperadas pela memória, mecanismo importante para um processo de criação literária que valoriza o legado cultural afrodescendente.

A produção literária de escritores e escritoras afrodescendentes sempre me chamou a atenção, embora, enquanto estudante do curso de Letras, tenha tido pouco acesso a textos literários desse segmento. Esse pouco contato, entretanto, estimulou o desejo de melhor conhecer textos que se motivavam na experiência concreta de escritores negros. Sempre quis saber os motivos que faziam com que muitos escritores e escritoras afrodescendentes, que há tempos vinham produzindo seus trabalhos, não fossem conhecidos do público-leitor e nem mesmo trabalhados no curso de Letras com maior assiduidade.

Tais questionamentos motivaram-me a participar, ainda quando estudante de graduação, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Alteridade (NEIA), da Faculdade de Letras da UFMG, núcleo que, na época, era coordenado pelo Professor Dr. Eduardo Assis Duarte. No decorrer das atividades junto ao NEIA, senti a necessidade de aprofundar mais meus conhecimentos sobre a literatura afro-brasileira e, guiada pelo coordenador do NEIA, iniciei a leitura da obra de Ana Cruz; escritora mineira, nascida na Zona da Mata e residente no Rio de Janeiro.

A leitura dos livros até então publicados pela escritora instigou-me a buscar outros autores e autoras que também desenvolveram temas semelhantes aos encontrados em sua obra. Fortaleceu-se, então, o desejo de investigar mais a obra literária de Ana Cruz e de utilizar seus textos como objeto de discussão em seminários e eventos realizados na área da literatura. Aos poucos observei que, na obra da escritora, vários temas motivam poemas que detalham a vida de personagens que “definem o que é comum a um grupo e o que, os diferencia dos outros, o que fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (ALMEIDA, 2003, p. 1).

Essas questões estão presentes em vários poemas de Ana Cruz e instigam alguns pesquisadores a estudá-los. Embora sejam poucos os estudos já realizados sobre sua obra, merece destaque o verbete produzido por Gizêlda Melo do Nascimento, publicado no volume 3 da antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil* (2011), e a dissertação de Emilene Corrêa Souza, intitulada *A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana*

*Cruz e Conceição Evaristo*(2015).A leitura desses trabalhos incentivou-me a trazer a obra da escritora para o meu projeto de dissertação.

A pesquisa da obra de Ana Cruz me fez voltar aos textos de Conceição Evaristo, particularmente aos poemas do seu livro *Poemas da recordação e outros movimentos*(2011). Conceição Evaristo é, como Ana Cruz, mineira, nascida em Belo Horizonte e residente no Rio de Janeiro.Vem se despontando no cenário literário com uma grande contribuição em prosa e em poesia, principalmente pela “evocação à história dos afro-brasileiros e brasileiras, ressaltando como fonte a oralidade”, como bem acentua a estudiosa Assunção de Maria Silva e Sousa, no prefácio do livro de Conceição Evaristo, *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016).

A marca de seus livros, na literatura afrodescendente, é a revitalização da cultura herdada de seus ancestrais e a criação a partir de suas memórias e da do povo negro brasileiro. O tema da memória é o que caracteriza os seus livros, sejam de poemas, seja prosa.

Conceição Evaristo legitima seu nome no cenário cultural afro-brasileiro contemporâneo, o que a torna uma autora singular. Suas obras vêm sendo avaliadas por vários estudiosos, e seu livro de contos *Olhos D'água* recebeu o Prêmio Jabuti, em 2015, na categoria “conto”. É crescente o número de dissertações e teses defendidas sobre a sua obra. Dentre os inúmeros trabalhos que analisam seus textos, destacamos alguns que abordam o tema da memória: “A memória em *Poemas da recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo”, de Amanda Crispim; “*Ponciá Vicêncio*, memórias do eu rasurado”(2007), de Assunção de Maria Sousa Silva; “Nações entrecruzadas: tessitura de resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima”(2016), também de Assunção de Maria Sousa Silva;“Eco e memória: Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo”, de Ana Claudia Duarte; e “Memória, história e literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo” (2013), de Bárbara Araújo Machado.

Como será destacado nos capítulos desta dissertação, no conjunto das obras das duas escritoras, percebe-se que elas evocam sempre questões relacionadas a tradições, identidade e memória. Em vários momentos procuramos compreender como se realiza poeticamente, nas obras das escritoras, esse movimento de voltar ao passado para construir o presente. E, ao mesmo tempo, destacar os recursos de linguagem explorados por cada uma para melhor compreender a intenção dessa recuperação do passado.

É importante considerar que, além de os textos das duas escritoras exibirem estratégias e recursos poéticos para retomar o passado, eles exibem outros mecanismos que, acionados pela escrita poética, ajudam a compor/restaurar as histórias que circulam em seus poemas,

muitas vezes remetendo a questões vivenciadas pelas próprias poetisas e também por muitos afrodescendentes. Ao longo da dissertação, procuramos nos guiar pela seguinte questão: a construção poética das escritoras faz delas sujeitos conscientes de suas próprias experiências como mulheres e como negras?

No caso específico da obra de Ana Cruz, este trabalho poderá ser uma forma de divulgar mais os seus textos no Brasil e no exterior, já que a escritora vem sendo estudada por pesquisadores estrangeiros, como é o caso do Prof. Joachim Michael, da Alemanha. A qualidade estética de seus poemas, ressaltada nas análises aqui produzidas, pode ser motivação para estudos pormenorizados de sua obra. Com relação à obra poética de Conceição Evaristo, reconhecida de forma constante pelos leitores e críticos brasileiros e estrangeiros, esperamos contribuir para ampliar o interesse pelos vários temas que motivam os seus poemas, alicerçados na memória individual e de grupo.

Para responder aos problemas encaminhados pela pesquisa, foram perseguidos os objetivos voltados à análise de poemas pertencentes às obras *E...Feito de luz*, *Guardados da memória*, *Mulheres q' rezam*, de Ana Cruz; e *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo, com a intenção de avaliar como são literariamente construídas as relações entre memória e identidade e ressaltadas questões específicas da cultura afrodescendente.

A dissertação, como se apresenta, está dividida em três capítulos, além de uma Introdução e uma Conclusão. No segundo capítulo, abordamos os poemas de Ana Cruz, destacando a discussão sobre como o tema da memória mostra-se sempre presente em sua obra. Valemo-nos de reflexões de Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs e Pierre Nora, enriquecendo-as com apontamentos feitos por Geneviève Koubi e Edimilson de Almeida Pereira, e discutimos, ainda, pontos de vista apresentados por Emilene Corrêa Souza, no estudo comparativo que faz das escritoras Ana Cruz e Conceição Evaristo.

No terceiro capítulo, tivemos a intenção de demonstrar como a questão da memória está poeticamente construída em poemas da escritora Conceição Evaristo. Procuramos embasar as análises dos poemas da escritora com textos teóricos que discutem a memória que é, conforme acentua Huyssen (2000, p. 9), “um dos fenômenos culturais e políticos mais importantes da época atual”. As proposições de Andreas Huyssen aliam-se às de Pierre Nora, Michael Pollak, Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur, abrindo-se ainda a outros teóricos que nos ajudam a enriquecer a reflexão sobre como a questão da memória é tratada nos poemas da escritora, selecionadas para o capítulo.

No quarto capítulo, comparamos as estratégias poéticas e os modos de encenar a memória utilizada pelas duas escritoras em poemas publicados nas obras consultadas,

procurando destacar também a questão espacial. Para a discussão do elemento espaço, utilizamos as reflexões do estudioso Luiz Alberto Brandão e, ao mesmo tempo, retomamos a discussão sobre como cada uma das escritoras lida com os diferentes percursos da memória em sua poesia. A ampliação da discussão do tema da memória, neste capítulo, valeu-se das reflexões dos teóricos que embasam as discussões dos capítulos anteriores e também das de Jay Winter e Margarida Calafate Ribeiro. Também neste capítulo, aproximamos os temas memória e trauma, trazendo para a discussão reflexões de Márcio Seligmann-Silva. Tivemos a intenção de, valendo-nos do conceito de trauma, perceber a escravidão negra como um grande trauma e procurando demonstrar como essa questão perpassa a encenação poética das duas escritoras.

É importante acrescentar que, nos três capítulos, ao tratarmos da memória, discutimos a questão da identidade/identidades com a ajuda de Stuart Hall (2005), que reflete sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia a existência de uma “crise de identidade”. Em todos os capítulos, o aprofundamento de questões sobre a literatura afro-brasileira fundamentou-se nos estudos de Eduardo Assis Duarte e de outros estudiosos que participaram da antologia *Literatura e afrodescendência* (2011).

Esperamos que o presente trabalho possa contribuir para a ampliação e aprofundamento dos estudos já realizados sobre a obra das escritoras Ana Cruz e Conceição Evaristo, acrescentando a eles questões pertinentes sobre o modo como a memória torna-se motivação para a produção poética das escritoras. Desejamos também que as discussões sobre poemas das duas escritoras possam alargar as possibilidades de estudos de textos literários em sala de aula, para os quais as análises apresentadas nesta dissertação podem representar uma efetiva contribuição, principalmente para um trabalho com textos literários que envolvam questões históricas e sociais.

## 2 O MOVIMENTO VAIVÉM DA MEMÓRIA EM POEMAS DE ANA CRUZ

Iniciamos este capítulo com uma indagação que está presente nas reflexões de vários estudiosos brasileiros, que é como continuar a reforçar os vínculos de um povo ou de homens e mulheres afrodescendentes com traços de suas memórias, num contexto digital no qual computadores, celulares e outros meios de comunicação entram em nossas vidas, de forma a nos conduzir por caminhos instáveis, rumo às nossas relações com as raízes ou com memórias constituídas. Indagam-se também como as histórias de um povo atormentado pela escravidão, pela dor e pela exclusão serão contadas com a importância que têm para a formação sociocultural do Brasil?

Para tentar responder a estas perguntas, é importante retornarmos ao que afirma Antonio Candido, em seu artigo “O direito à literatura”. Ao explicitar o que é e como temos direito à literatura, o crítico nos mostra que ela não se restringe a livros, pois abarca um leque de produções que nos rodeiam, como filmes músicas e teatro. O teórico reforça que a literatura está presente em manifestações de cunho erudito ou popular, podendo ser “na anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco”. (CANDIDO, 2004, p. 175-176). Para ele, tais produções “são manifestações (...) de todos os homens em todos os tempos” e, podemos dizer, são “rituais de literatura”, porque trazem à tona expressões da cultura de um determinado povo.

Ao tentar responder às questões levantadas no início deste capítulo e garantir a eficácia da reflexão de Candido sobre o direito à literatura é que, cientes da importância da obra das duas escritoras estudadas nesta dissertação, Ana Cruz e Conceição Evaristo, queremos ressaltar estratégias poéticas que procuram revisitar o passado e valorizar as experiências vividas por seu povo. Podemos dizer que os poemas das duas escritoras conferem-nos o direito à literatura sobre o qual Antonio Candido discute em seu artigo. As duas escritoras, ao trazerem para suas obras as suas memórias, praticam rituais de “escrevivências” com que procuram dar visibilidade às lembranças de histórias passadas, recuperando memórias individuais e coletivas referentes ao povo a que pertencem.

Na obra das duas escritoras, é possível perceber a necessidade de o presente ser tecido com fragmentos de memórias, com a busca de tradições afro-brasileiras. Os poemas das escritoras deixam claro que a reminiscência é um forte traço de suas escritas. Em tempos de forte apelo à memória, seus poemas apontam para a necessidade de ampliação dos estudos ligados a experiências e vivências do povo afrodescendente, para a revisitação de saberes que, na literatura produzida pelas duas escritoras, exibem-se em retalhos de vidas que remetem a



costumes perpetuados até os nossos dias, recontados a partir de diferentes estratégias.

Essa preservação das lembranças do passado e a preocupação de retratar a realidade vivida por elas e pelo grupo a que pertencem tornam-se mais intensas porque se instalam numa época em que diferentes tecnologias e várias outras formas de recuperação de vozes silenciadas estão propiciando uma reflexão mais bem-fundamentada sobre o esforço voltado a “salvar do esquecimento as histórias de vidas mergulhadas na pobreza e no abandono” (FONSECA, 2013, p. 258). Nesse processo, os textos das escritoras dialogam com outras histórias, iluminam movimentos e espaços que motivam seus leitores a assumir um sentimento de pertencimento e a perceber as feições da literatura produzida por elas como forma de resistência, ainda que, muitas vezes, essa resistência possa ser abafada pelos interesses de editoras e meios de divulgação que ainda se voltam, de maneira muito tímida, à produção literária de escritoras negras.

Neste capítulo, então, tentaremos verificar quais os recursos e percursos de que a poetisa mineira Ana Cruz se apodera para a construção de seus poemas. A escritora nasceu em Visconde do Rio Branco, Zona da Mata mineira, tendo, mais tarde, estudado jornalismo. Atualmente reside no Rio de Janeiro. Inaugurou seu percurso literário em 1997 com a publicação do livro *E... Feito de luz*, reeditado em 2006. Em 1998, lançou o jornal literário *De Mina*, com poesias de vários autores e também com crítica literária. Em 1999, publicou *Com perdão da palavra* e, dois anos depois, veio a público *Mulheres q' rezam*. Em 2008, publicou *Guardados da memória* e, em 2016, *Eu não quero flores de plástico*.

Em todos os livros publicados até o momento, a escritora explora, como se vem acentuando, situações do dia a dia, fazendo referências a tradições africanas herdadas dos antepassados. É possível afirmar que alguns poemas de seus livros apresentam um eu lírico que retoma o “legado de reproduzir o passado como base para o presente, que constrói o futuro”, como afirma Pereira (2003, p. 109). O eu lírico, ao exprimir sentimentos que se amparam em tradições guardadas pela memória, celebra o amor, as decepções e as recordações que, como ritos, remetem à história de um povo que foi escravizado, no passado. Podemos dizer que os poemas que compõem os livros de Ana Cruz fazem dos rituais de rememoração uma forma de libertação. Neles, as reminiscências são uma força de transmissão do legado recebido dos antepassados a ser repassado às gerações futuras. Vários são os temas que fertilizam a sua escrita e revelam o seu cuidado em detalhar a vida de personagens que “definem o que é comum a um grupo e o que os diferencia dos outros” (PEREIRA, 2003, p. 1), num processo que fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento.

Os poemas de Ana Cruz retomam o ato de contar vivências e experiências que fortalecem a necessidade de se pensar na preservação de costumes e tradições. Esse ritual está relembrado no poema, “Para todos os dias”, do livro *E... Feito de luz* (1997), em que se retomam cenas de uma infância que desabrocha resgatada pelo olhar de uma menina, agora mulher. O olhar se volta à infância e, por meio da recordação, revivem-se transformações que se mostram na natureza, marcando a passagem do tempo e também aspectos de uma mudança que se dá no corpo de meninos e meninas. A intenção é também resgatar a história de mulheres que fizeram e fazem parte de um cotidiano enraizado na cultura afro-brasileira e nele estão as parteiras, as benzedeiças e as alegres faladeiras.

Ao encenar memórias, lembranças e recordações de tempos passados, a escritora contempla traços da população afrodescendente deixados por seus ancestrais, muitos deles existentes até hoje, em práticas como a de “curar o umbigo”, que remete a costumes antigos relacionados aos cuidados com os recém-nascidos. Além disto, os versos do poema “Para todos os dias” constroem sentidos que se referem ao espaço reverenciado pelas descrições de aspectos físicos do lugar de nascimento e das práticas que o configuram. É importante, nesse sentido, observar a construção do poema.

Para todos os dias

Nasci onde o rio fazia uma curva  
para descansar,

O fogo, água e mato.  
A certeza, o tempo passando sem pressa.  
A voz dos meninos se transformando.  
Flores nas meninas começando a nascer.

Cigarra acordou cantando uma canção diferente  
e o céu tá côvado, sinal de chuva passada.

Milho, manga, formiga cabeçuda,  
todo mundo, tudo vida.

E o fogo aceso, sempre aceso,  
o calor no calor,  
o calor no inverno,  
Criolas sempre em alerta,  
fazendo de conta  
que não davam conta.  
Água e brasa  
e a mulher que benzeu todos nós.  
meu umbigo seco sagrado,  
guardado num pedaço de pano,  
anos depois devolvido à terra.

E a rádio chique de cinco faixas de meu pai,

E o fogo,  
 tinha fogo por todos os lados.  
 Até mesmo num amontoado de cinzas velhas  
 havia fogo abafado.

As rezadeiras, benzedeiras, parteiras milagreiras,  
 alegres faladeiras.

Variedade de santas tristes,  
 abandonadas nas paredes.  
 Mal amoradas.(sic)  
 Tristes demais para quem ganhara o paraíso!

Um dia do passado  
 norteando os dias do presente!  
 Minha avó contando histórias  
 distribuindo heranças.

História de uma família  
 que acompanhou o progresso,  
 mas não quis levar  
 o patuá de identidade.

Desembestaram atrás do progresso,  
 sem saber que progresso era aquele  
 e para onde ele estava indo.

Daí, o progresso progrediu  
 só de um lado,  
 progrediu ainda mais

quem já era progredido.

E essas pessoas ficaram  
 feito folha seca  
 ao vento.....

Arrebatamento...  
 Juízo final...  
 Ressuscita, minha avó,  
 para dar jeito  
 nesse meu mundo.

(CRUZ, 2006, p. 10)

O poema, trazido na íntegra, permite que acompanhem as transformações de uma vida nascida em um cenário marcado por tradições e histórias que tornam vivas as lembranças evocadas. As experiências ouvidas e vivenciadas acompanham as mudanças na natureza, o desabrochar da vida com suas experiências e brincadeiras, em um ambiente demarcado por “rio, fogo e água e mato” (CRUZ, 2006, p. 8). O cenário lúdico de brincadeiras, danças eritas, recheado de simplicidade e afeto, também acolhe o outro e suas diferenças, que fazem parte de uma construção identitária. Revive-se a singeleza do campo, do ar, da vida e da leveza de dias que passavam sem pressa: “Um dia do passado/norteando os dias do presente!”.

Outro símbolo mostrado pela autora é a tradição marcada por mulheres que trazem vida não só no ato de darem à luz, mas também em experiências de fincar suas raízes e preservar um legado a ser transmitido. Mulheres negras, como ressalta Gizêlda Melo Nascimento (2008), reduplicam-se em várias mulheres na transmissão de hábitos, nas formas de agir e pensar e na manutenção de crenças. Todos esses elementos fazem parte da obra de Ana Cruz quando ela descreve em seus poemas as lembranças da avó, irmãs e tias que ajudam a construir sua “História de uma família”: “Minha avó contando histórias/ distribuindo heranças.” Nos poemas de Cruz, há uma busca por “reconstruir” um tempo pontuado pelas tradições da cultura popular. Ao lermos os seus poemas que falam de vivências religiosas e costumes herdados dos antepassados, percebemos a intenção de reverenciar os valores cultivados por mulheres afrodescendentes, transplantados para o Brasil, referidos em seus poemas na alusão ao “(...) amontoado de “rezadeiras, benzedeadas, parteiras, milagreiras/ alegres faladeiras”, ou seja, mulheres de linhagens fortes.

A intenção poética de Ana Cruz reverencia, portanto, mulheres com gestos singelos, mas marcantes, que fizeram parte da história de populações brasileiras. Quem nunca, na infância, foi benzido por uma benzedeadas? Que mãe mais antiga ou avó não recorreu a uma parteira? Quantos não tiveram uma avó negra contadora de histórias? Quem não se lembra daquela pessoa representativa de sua família e de outras que faz parte da memória coletiva de um povo, remetendo a um cotidiano em que a benzeção, o conselho solicitado em horas de aperto ou de doença e o cordão umbilical enterrado no terreiro são fortes lembranças evocadas?

Do mesmo cotidiano, fazem parte as “santas tristes, / abandonadas nas paredes. / Mal amadas. (sic) / Tristes demais para quem ganhara o paraíso!” Porém, além destas matrizes, afro-brasileiras, a escritora alude ao movimento do progresso se instalando na vida dessas pessoas com elementos que acentuam os sinais de progresso que “progrediu/só de um lado” e que só favoreceu “quem já era progredido”. Ela relembra também o rádio ao pé do ouvido, trazendo notícias da cidade: “E a rádio chique de cinco faixas de meu pai”, um luxo naquela simplicidade que se envolvia com o soar do progresso chegando.

Os poemas de Ana Cruz nos mostram também a questão da saída do homem do campo para a cidade, o homem se inserindo no progresso, vendo neste a possibilidade de uma vida melhor. A autora faz uma ressalva, já mencionada, sobre o fato de o progresso acontecer apenas para uns e não para todos. Interessante pensar também no significado dado à palavra “progresso”: “ir para frente, adiante”; mas como dizem os versos do poema “Para todos os dias”, ele só atingirá algumas pessoas. Muitos, descartados do veículo da história, acabam na

fila dos desempregados, na horda de marginalizados, não se inserindo no avanço exigido pelo progresso. O eu lírico acentua esse movimento em seu poema quando diz: “Desembestaram atrás do progresso/ sem saber que progresso era aquele/ e para onde ele estava indo.” Nesse contexto, a autora refaz um caminho entre passado e presente, infância e vida adulta, campo e progresso. E, como mencionado anteriormente, Ana Cruz, acentua tal avanço, porém, com uma grande sensibilidade para retomar essas histórias de vidas que se regem por costumes próprios de uma paisagem recortada pela relação mais intensa do homem com a natureza e por costumes ainda preservados em vários lugares do Brasil.

Paul Ricoeur (2007, p. 108) defende que recuperar e valorizar “traços recolhidos pela experiência comum” ajudam a construir a “tradição do olhar interior, vendo-a como uma tradição em que vários precursores se encontraram”, muito importante no trabalho com a memória. O filósofo enfatiza vários trabalhos ligados às tradições que remetem à Antiguidade e, sobretudo a Santo Agostinho. A reflexão do filósofo nos ajuda a salientar a importância da tradição do olhar que se mostra no poema de Cruz, em versos como: “Cigarra acordou cantando uma canção diferente/ e o céu tá côvado, sinal de chuva passada.”

Outro ponto a ser explorado, nos poemas de Cruz, é o espaço e o lugar da memória em suas relações e inter-relações. A memória, ao interagir com vivências e conhecimentos pautados por diferentes gerações, focaliza os lugares e os detalhes desses lugares, acentuando a importância aludida por Paul Ricoeur sobre uma fenomenologia do “local” e do “lugar”, que são recuperados pela memória:

As lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas: nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento da terra habitável. (RICOEUR, 2007, p. 158)

Tais reflexões nos permitem perceber, na obra de Ana Cruz, os espaços trazidos pela memória: “a mina d’água, o rio, o fogo sempre aceso”, elementos de um cenário próprio de quem convive com essas referências. Ao mesmo tempo, interagem-se traços da memória individual, porque diferencia o outro em sua singularidade, e da memória coletiva, quando se reforça o sentimento de pertencimento a um grupo e a um lugar. Ricoeur(2007, p. 158) considera que o corpo, enquanto vinculado a um espaço, liga-se a lembranças bem como ao ambiente a que elas remetem.

Tais aspectos são marcantes na poesia de Ana Cruz e ficam acentuados quando o eu lírico relembra, poeticamente, “A voz dos meninos se transformando./Flores nas meninas começando a nascer.” São esses meninos e meninas que crescem e se desenvolvem relacionando-se com o ambiente também em mudança. O corpo – da poetisa e do poema – finca suas raízes num lugar que é recuperado por meio da memória, um lugar onde estaria enterrado um “umbigo seco sagrado, /guardado num pedaço de pano, / anos depois devolvido à terra.”

Como referido acima, para o filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 108), a linguagem corriqueira da vida pauta-se na tradição do olhar que observa traços de uma memória compartilhada a qual retoma as tradições. Tais aspectos afirmados pelo filósofo podem ajudar a perceber como, em poemas de Cruz, a sensibilidade é um instrumento hábil à apreensão das histórias de vidas, transmitidas pela experiência de observar a natureza e os elementos do dia a dia que fazem parte de uma paisagem decifrada por quem sabe entender os sinais dados pela passagem do tempo, em cenários revisitados pela memória. No poema “Para todos os dias”, os versos remetem a um lugar demarcado pelos elementos da natureza, delineado pela evocação de um “rio [que] fazia uma curva/para descansar”. O rio, a água abundante em cachoeira ou nascente de um lugar prazer osoque convivem com reminiscências relacionadas ao fogo, ao mato e ao “tempo passando sem pressa.”

É possível dizer que, ao lembrar o tempo passado e retomar dele cenas trazidas pela memória, o eu lírico acentua traços de identidades que formarão o presente herdado por aqueles que reverenciam suas ancestralidades em rituais do dia a dia, os quais confirmam o desejo de manter suas histórias de vidas e fortalecer a luta contra o esquecimento e contra a não valorização da cultura afrodescendente. Afirmam-se, por esse processo, elementos de um passado cheio de histórias que carregam em si uma grande significação para alicerçar o presente. A figura da avó que contava histórias norteia as imagens de um tempo em que os traços da identidade herdada, simbolicamente referida na imagem do “patuá”, precisam conviver com as transformações ditadas pelo progresso:

Como se percebe, nos versos de Cruz, há uma busca por “reconstruir” um tempo pontuado pelas tradições da cultura popular. Nos poemas dela, as vivências religiosas e os costumes herdados dos antepassados podem ser pensados como intenção de recuperação de tradições cultivadas ainda no presente. As memórias recordadas realçam traços de uma infância significada por histórias de uma família que acompanhou o progresso.

Em vários poemas, Cruz marca muito bem o espaço das raízes afrodescendentes, explorando as tessituras de vidas alicerçadas em valores de seus antepassados.

Como no poema “Para todos os dias”, em que a referência à avó “metonimiza” a própria ancestralidade, alude-se a uma herança que não acompanhou o progresso e as mudanças que deixaram “as pessoas como folhas secas ao vento”. Quando o eu lírico pede à avó que ressuscite, ele está diretamente se referindo ao ressuscitar de heranças ancestrais, de tradições identitárias. A ideia de raiz que está expressa em tal poema, volta, de forma mais intensa, no poema “Raízes”, do livro *Guardados da memória* (2008):

#### Raízes

Pode não parecer, mas eu tenho uma história.  
 Uma casa com alicerces profundos, paredes flexíveis.  
 No quintal uma mina d'água na sombra de um jequitibá  
 Lugar, onde crescemos e nos firmamos eu e antepassados  
 reverenciado na alegria e na tristeza.  
 Ponto de redenção para o qual inevitavelmente sempre serei  
 chamada.  
 A aprender suportar o doído processo de transformação do  
 tecido.  
 E com o corpo totalmente exposto tear a nova pele.  
 Pode não parecer, mas eu tenho uma história completa com  
 bases profundas  
 e paredes flexíveis  
 Solidificando a herança, uma mina d'água na sombra de um  
 jequitibá.  
 Toda cercada de saias, saiotos  
 Galinha d'angola,  
 Quilombolas.

(CRUZ, 2008, p. 9)

É importante observar que, no poema acima, apresentam-se cenas captadas pela memória, nas quais surge à casa que, com suas várias características, personifica uma história de vida e de tradições que se fazem suportes para a formação de um presente configurado por homens, mulheres e crianças que aprendem a “suportar o doído processo de transformação do tecido”. A identificação com os referentes de um passado trazido pela memória é necessária para solidificar as raízes que sustentam o presente vivido pelas pessoas que trazem consigo as histórias relacionadas com os lugares edificados com “bases profundas/ e paredes flexíveis”.

O espaço das memórias e das relações é considerado por Halbwachs (1990) quando ele enfatiza o valor da memória coletiva, vendo-a como o pilar no qual o novo firma seus alicerces, dando continuidade às experiências aprendidas. São lugares que permitem revisitar, transitar e revivificar as memórias guardadas. As lembranças da casa e de episódios de uma história vivida fortalecem a intenção da poesia de Ana Cruz, que é ressaltar um pertencimento marcado pelas experiências dos antepassados que contribuíram para o fortalecimento de um

grupo, reverenciado no poema desde os primeiros versos: “Pode não parecer, mas eu tenho uma história./ Uma casa com alicerces profundos, paredes flexíveis./ No quintal uma mina d’água na sombra de um jequitibá/ Lugar, onde crescemos e nos firmamos eu e antepassados. Notamos que a partir da referência à linhagem destacada, o eu lírico passa a assumir a identificação com o grupo referido e com ritos que firmarão o sentimento de pertencimento.

É interessante abordar aqui a colocação de Geneviève Koubi (2004, p. 535) sobre a relação de diálogo entre o eu e seu grupo, condição para que o sujeito possa se “sentir integrado ao lugar que constata o assentimento do grupo em relação a alguém”, a qual expressa o consentimento para a entrada do indivíduo no grupo. Ainda de acordo com o teórico,

[...] o que determina o pertencimento de uma pessoa a um determinado grupo é essencialmente a influência do outro; a influência dos próximos – pais, compatriotas, correligionários –, que procuram apropriá-la, e a influência dos que estão à sua frente, que se esforçam para excluí-la. Na verdade, o pertencimento a um grupo não é decidido pelo indivíduo, não é algo da ordem dos sentimentos pessoais. O pertencimento não deriva do sentimento vivenciado pelo indivíduo. Ele se constata, como constata o assentimento do grupo em relação a alguém que quer, que pretende se juntar a este. (KOUBI, 2004, p. 534)

Com pequenos gestos, em seus poemas, Ana Cruz celebra a continuação de vivências que permeiam feições de uma identidade afrodescendente e tece fios de uma memória que se faz atual, significada, por exemplo, em rituais explorados no poema “Felizes”, do mesmo livro. O ato de juntar todos os membros da família, forrar o chão do terreiro com uma toalha de estampas coloridas, revisitar fotos, para criar momentos de vivência, reforça as referências que demonstram o respeito a uma linhagem que é celebrada todos os dias, com ritos e cerimônias.

Felizes

Mãe fez uma roda no terreiro. Sentamos. Forrou no centro uma toalha chique, colocou flores fotografias dos bisavós, uma tigela de porcelana Nigeriana e uma elegante e majestosa galinha d’angola.

Tia avó entou um canto com o que ainda restara do Yorubá em sua memória, pôs a mão no peito, e reverenciou a mesa. Prosseguiu o ritual. Tocava as fotografias, a tigela, a cabeça da galinha d’angola e, em seguida, colocava a mão direita sobre nossas cabeças e esquerda em nossos peitos, repetindo o gesto dezena de vezes.

No final da cerimônia, o avô disse, todo garboso:

Revisitamos nossos antepassados.

Graças a Deus!

Estamos consubstanciados.

(CRUZ, 2008, p. 37)



Como referido, os gestos e rituais encenados no poema pela cerimônia de fazer uma roda no terreiro, forrar o centro “com uma toalha chique”, colocar flores e fotografias dos antepassados é uma forma de assegurar as lembranças que muitas vezes estão condenadas ao esquecimento devido a vários fatores. Um deles é o aludido por Pierre Nora (1989, p. 8), quando considera o fortalecimento da “mídiação, massificação e mundialização”, fenômenos que não produzem memória, no mundo atual, já que vivemos numa sociedade do imediatismo, que cria “arquivos, celebrações” para que as memórias possam ganhar a ilusão de estarem vivas. O teórico, ao fazer uma comparação entre história e memória, afirma que vivemos uma “aceleração da história” (NORA, 1989, p. 1). Ele acentua ainda que, quando a literatura encena rituais simbólicos, como, pode-se dizer, no poema “Felizes”, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e objeto”(NORA, 1989, p. 9).

A revivência de gestos e cenas do passado está representada na poesia de Ana Cruz, no momento em que evoca lembranças de vivências da família e do grupo que encenam a prática de revigorar atos de uma tradição afrodescendente brasileira. Tais revivências são consideradas por Nora, quando afirma que

[a memória] se alimenta de lembranças particulares ou simbólicas, sensível a toda as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. (NORA, 1989, p. 9)

Na distinção que o historiador faz entre história e memória, salientam-se modos de viver que parecem refletir os sentidos construídos pelos versos do poema “Felizes”, quando se destacam os gestos da mãe para compor os rituais de veneração a uma história que precisa ser preservada: “uma tigela de porcelana Nigeriana e uma elegante e majestosa/galinha d’angola./Tia avó entoou um canto com o que ainda restara do Yorubá/em sua memória, pôs a mão no peito, e reverenciou a mesa.”

Outro ponto importante é destacado pelo historiador francês, quando afirma que “a necessidade de memória é uma necessidade de história” (NORA, 1989, p. 9). Isso nos permite pensar que as lembranças que nos permeiam, ainda que possam ser obscuras para alguns e aparentemente esquecidas para outros, têm a função de ressignificar memórias individuais e coletivas que estão “abrigadas nos hábitos, gestos e saberes” (NORA, 1989, p. 12). No poema em referência, os gestos da mãe são reverenciados como parte de uma história singular e também como parte de uma história coletiva, que é ressaltada no ritual e na fala do avô:

[...] em seguida, colocava a mão  
 direita sobre nossas cabeças e esquerda em nossos peitos,  
 repetindo o gesto dezena de vezes.  
 No final da cerimônia, o avô disse, todo garboso:  
 revisitamos nossos antepassados.  
 Graças a Deus!  
 Estamos consubstanciados.

(CRUZ, 2008, p. 37)

As cenas lembradas para compor o poema “Felizes” permitem perceber como a escritora mostra estas celebrações da cultura afrodescendente em atitudes e lembranças que são celebradas para revigorar a memória coletiva, que é vida. Conforme Nora,

a memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. Susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.  
 (NORA, 1989, p. 9)

Ana Cruz, além de apresentar, em seus poemas, um universo alicerçado na tradição e na memória de seus antepassados, ainda traz para os versos dos poemas assuntos do cotidiano, como o universo das mulheres: mulheres simples como as “que rezam”, mas também mulheres que se apaixonam, que têm sonhos, ilusões e decepções. São também mulheres que lutam e resistem aos enfrentamentos decorrentes do fato de serem mulheres e negras, vistas ainda a partir do imaginário da escravidão e da subalternidade construída por uma sociedade machista, patriarcal e preconceituosa. Lutando para alterar esse quadro, os poemas de Ana Cruz celebram mulheres que refazem no dia a dia as suas histórias. Sensíveis com relação à vida e aos espaços que ocupam, são mulheres que tecem experiências e histórias; com o uso da palavra, vão entrelaçando as suas identidades e as de seus grupos. Em vários de seus poemas, por exemplo, está presente a valorização das experiências vividas pelas mulheres de sua família. Por isso, a referência constante à mãe, como modelo de um caminho a seguir, como se mostra nos versos do poema “Incompreendido”, do livro *E... Feito de luz*:

Incompreendido

Minha mãe bordava para fazer passar  
 suas tristezas e ansiedades.  
 Eu, não!  
 Eu pinto e bordo  
 só pra descobrir seus segredos  
 e suas fragilidades.

Fico despojada,  
dou-lhe amor à vontade  
pois isso eu tenho,  
posso lhe dar.

Fale o quanto quiser da sua geração,  
culpe  
seu pai, sua mãe.

Fique à vontade,  
seja frágil,  
doce,  
desprotegido. (sic)

Eu vou saber entendê-lo, (sic)  
quando o amor começar a desarrumar  
suas gavetas  
arrumadinhas.

(CRUZ, 2006, p. 17)

É pertinente observar que o poema expõe a voz do eu lírico que fala da angústia da mãe que faz do bordar um exercício para aliviar a tristeza. O bordado nasce das amarguras e ansiedades que a mãe vai depositando nos pontos. Em contraponto, o eu lírico enfatiza outro comportamento que se liga ao desejo de lidar de outra forma com a postura da mãe, ao usar o bordado e a costura como referência ao sentimento de dor preso em si. Na afirmação “Eu, não!/Eu pinto e bordo”, fica clara a decisão do eu lírico de não engolir o que o incomoda, de colocar tudo para fora, de libertar os sentimentos que o inquietam. Tal comportamento fica enfatizado na confissão do sujeito lírico feminino: “Fico despojada”, isto é, liberta daquilo que a prendia ao sofrimento da vida. Mas mesmo em oposição à atitude da mãe, o eu lírico, com um gesto de carinho e afeto, acolhe-a: “dou-lhe amor à vontade/ pois isso eu tenho, / posso lhe dar.”

Notamos também que o eu lírico vai em direção contrária à tradição de sofrimento que a mãe representa. Embora o poema reverencie a mãe, a matriarca responsável por dar continuidade à tradição e memória de bordadeiras que simbolizam, no bordado, suas vivências de alegrias e tristezas, percebemos que o eu lírico rejeita o sofrimento da mãe quando diz: “Fale o quanto quiser da sua geração, / culpe seu pai, sua mãe”. Tal afirmação indica a procura de um outro caminho para seguir, uma forma de viver mais tranquila. É interessante compreender que se expressa no poema a ideia de que as pessoas possam ter o direito de serem “frágeis”, “doces” e de se mostrarem desprotegidas, já que modos de ser são formas humanas. O eu lírico, em sua disposição de aceitar a mãe como ela é, busca outros meios para viver a vida com mais leveza.

Como se tem afirmado, Ana Cruz encena em vários poemas histórias e linhagens que

fazem parte de uma raiz quilombola e da luta para que seus filhos e filhas possam melhor compreender o legado de experiências quase sempre marcadas por sofrimentos, mas também por coragem. Os versos do poema “Registro de um tempo”, do livro em referência, trazem cenas de um tempo passado, significado pelas lembranças evocadas.

Registro de um tempo

Os borrões de fogo do cachimbo de minha tia-avó  
sobre meu vestido de tafetá ou chita.  
A sola dos meus pés queimada pela brasa  
cuspida da Maria Fumaça

O trem acidentou Conceição e cortou-lhe os pés.  
Conceição era surda e muda – não ouviu o apito  
infinito do trem.

Linha do trem, linha do tempo, estrada de ferro.  
Maria Fumaça, minha avó, minha mãe,  
as irmãs de minha mãe, panela de ferro.  
Todas numa mesma trançagem.

Trem de ferro, meu bisavô, os filhos do meu avô,  
ferro de passar, caldeirão de ferro.  
Homens de Banto,  
gente de ferro, gente de fogo.

Na linha do tempo  
atravessando a dor,  
Povo de Guiné.

(CRUZ, 2006, p. 29)

No poema, o eu lírico assume cenas tão nítidas que, ao lê-las, temos a impressão de que estamos vendo quadros em que a menina com seu “vestido de tafetá” surge esfumada pelos “borrões de fogo do cachimbo” da tia-avó. A cena se faz reminiscência de outros quadros do antigamente, nos quais as pessoas mais velhas cultivavam o costume de fumar o cachimbo. Recortando as cenas do passado lembrado, a Maria Fumaça cospe fagulhas de carvão queimado por onde passa. Nos quadros do passado, as lembranças retomam traços que fazem do trem personagem de histórias que a memória evoca, percorrendo a linha do tempo.

O processo de voltar ao passado para buscar lembranças e traços guardados pela “minha” memória é conceituado por Santo Agostinho, como “minhadade”. Este termo é utilizado para reforçar as memórias singulares de uma pessoa que tem posse de vivências e impressões, porque, como acentua, “esse passado é de minhas impressões e de minhas memórias” (AGOSTINHO apud RICOUER, 2007, p. 108). Assim, quando no poema

“Registro de um tempo”, de Ana Cruz, o eu lírico relembra os fatos decorridos de experiências vivenciadas, compartilha com o leitor algo que é seu.

Ricoeur enfatiza que, para garantir uma continuidade temporal, o eu tende a ter consciência de que esse vínculo se firma no passado. Parece ser esse vínculo que Ana Cruz procura revitalizar com a evocação da linhagem de seus antepassados, porque são lembranças de força e garra e da resistência de pessoas que trazem consigo restos de experiências vividas. A evocação à linha do trem remete à ação de volta ao passado que, conforme destaca Ricoeur (2007, p. 107), representa o acervo de lembranças privadas de todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. No poema, o trem é uma realidade concreta: “O trem acidentou Conceição e cortou-lhe os pés”; e, ao mesmo tempo, concretiza uma linha do tempo de que fazem parte todos os ancestrais referidos nas estrofes três e quatro. Recolhem-se as imagens e os pontos de uma “mesma trançagem” que resgata as impressões vindas do “bisavô, dos filhos do meu avô”, “minha avó”, “minha mãe”, “as irmãs de minha mãe”, formando uma tradição “de gente de ferro, gente de fogo” que impulsiona o eu lírico a seguir o seu caminho.

Nos versos do poema, é possível perceber os gestos de mulheres e homens que trançam e destrançam a vida, de descendentes de povos africanos que regem suas ações e percepções do mundo. A força de mulheres e homens é comparada, no poema, com objetos tão presentes na vida de quem soube lidar com as tradições herdadas dos africanos. No poema, a panela de ferro pode ser vista como um ventre, como marca de uma continuidade que “permite remontar sem ruptura o presente vivido até os acontecimentos mais longínquos de uma infância a partir do que as lembranças podem distribuir” (RICOEUR, 2007, p. 108).

Ricoeur pontua ainda que a memória está vinculada ao sentido de orientação: “em mão dupla do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivido”(RICOEUR, 2007, p. 108). Os versos do poema de Ana Cruz parecem encaminhar o que o filósofo afirma, quando celebram as lembranças do passado com partes de uma “mesma trançagem”. O eu lírico remete a traços de uma identidade bem-marcada por elementos tirados de uma história particular, ainda que essa mesma história remeta a outras histórias. Percebemos claramente a remissão às lembranças e dados tirados da biografia da poetisa que perpassam a intenção poética que transita por seus poemas.

Há ainda outro poema, “Coração tição”, no qual fica claro que as lembranças de sua história pessoal são o suporte que legitima a sua própria história.

Coração tição

Quero me lambuzar nos mares negros  
para não me perder,  
conseguir chegar ao meu destino.

Não quero ser parda, mulata  
Sou afro-brasileira mineira.  
Bisneta  
De uma princesa de Benguela

Não serei refém de valores  
que não me pertencem.  
Quero sentir sempre meu coração  
como um tição

Não vou deixar que o mito  
do fogo entre as pernas iluda e desvie  
homens e mulheres  
daqui por diante.

(CRUZ, 2006, p. 31)

A poetisa, logo no início do poema, nos dá pistas sobre as suas raízes e sobre sua decisão de, intencionalmente, nelas mergulhar. Por isso, é simbólica a intenção dos versos iniciais que afirmam uma clara decisão do eu lírico: “Quero me lambuzar nos mares negros/para não me perder”. A referência aos “mares negros” remete aos caminhos percorridos por seus antepassados, um emblemático espaço para a construção de sua identidade e para o fortalecimento de marcas de um destino definido pelas histórias deixadas por esses trânsitos sobre o mar. Em outros versos, o eu lírico afirma-se como descendente dos povos trazidos pelo mar, ao mesmo tempo em que descarta as caracterizações criadas pela sociedade brasileira para designar, preconceituosamente, os descendentes dos africanos forçados à travessia pelos mares: “Não quero ser parda, mulata/ Sou afro-brasileira mineira./Bisneta/ De uma princesa de Benguela”. Rejeitam-se as classificações de “parda” e “mulata”, porque tais termos assumem sentidos ligados ao preconceito e à rejeição. A contestação dos termos dá força para que o eu lírico reafirme sua história e sua ascendência e não se renda a outros valores, tanto que afirma “Não serei refém de valores/ que não me pertencem.” Esse sentimento é algo que vem da alma, do coração, que enfatiza o desejo: “Quero sentir sempre meu coração/ como um tição”, destacando histórias de quem veio das águas do oceano para se reconstruir em terras brasileiras.

Fica claro que, nos poemas da escritora Ana Cruz, apresentam-se mulheres fortes que ajudam a construir uma história que ainda não terminou. São mulheres que tecem narrativas construídas com cenas de suas vivências e das vivências de seus antepassados. Mulheres

determinadas que sabem o que querem, sem se submeterem às visões da sociedade construídas sobre elas. O final do poema alude à determinação de não permitir que o mito sobre a sexualidade desvairada de homens negros e mulheres negras, daqueles que, dizem, têm “[...] o fogo entre as pernas”, ganhe força e “iluda e desvie/ homens e mulheres/ daqui por diante”.

Nos poemas estudados até aqui observamos uma voz que deseja ser ouvida, que almeja alcançar o mundo com a intenção de ser compreendida e de transmitir alegria, apesar de nela ainda ressoar o sofrimento e a opressão do seu povo. É importante ressaltar o modo como a poetisa organiza o poema “Eco do mundo”, aludindo a ecos e ressonâncias que ressoam nas palavras que constroem os versos.

#### Eco do mundo

Quando os tambores soarem  
 todo meu corpo  
 vai desmoronar  
 Para que meus deuses  
 possam se manifestar,

Não serei eu a conduzir meus passos,  
 e sim os deuses ali presentes.  
 Pois quando os tambores soam  
 são deuses  
 falando  
 soprando  
 purificando o eco do mundo.

Permitindo ao meu coração  
 bater bem mais forte.  
 Fazendo encontrar-me em várias  
 partes do meu corpo.

Despertando os deuses existentes em mim,  
 Lá de onde eu vim.  
 ensinaram-me que a beleza do mundo  
 é construída por vários deuses.

Som de tambores,  
 palavra de deuses.  
 Ecoando sentimentos  
 te todos os cantos do mundo.

(CRUZ, 2006, p. 32)

Ao comparar o coração com a voz dos tambores, acentua-se a intenção de associar o som dos instrumentos que estão presentes em produções específicas da tradição afro-brasileira, como nas que Edimilson de Almeida Pereira denomina de “cantopoemas”.

O teórico considera os cantopoemas “narrativas poéticas estruturadas em versos, com esquema variado de rimas [que] são entoadas pelos devotos durante os rituais e as atividades de entretenimento” (PEREIRA, 2003, p. 14). O poema de Cruz faz-se semelhante aos cantopoemas e, por isso, permite que o leitor se adentre no mundo mítico e místico da cultura afro-brasileira, com suas misturas entre tradições herdadas e outras assumidas pelo próprio povo que o celebra. Na recriação de uma tradição, o “Som de tambores” se manifesta como se fosse a “palavra de deuses”, seguida e celebrada por uma tradição que envolve a poesia de Ana Cruz, porque lhe ensinaram que “[...] a beleza do mundo/ é construída por vários deuses.”

Os versos do poema “Eco do mundo” encenam aspectos de uma religiosidade, da crença em um ser divino, venerada pela cultura afro-brasileira. O tocar dos tambores, que tem grande importância nas culturas trazidas pelos escravizados africanos ao Brasil, é parte de um ritual místico celebrado com cantos e danças que se fazem voz dos deuses que os habitam. O sentido de purificação perpassa os versos da última estrofe quando remetem ao som dos tambores, vistos como palavras dos deuses capazes de purificar o mundo.

A religiosidade afro-brasileira é uma forma de memória coletiva e individual tanto de transmissão do sentimento de valorização, respeito e reforço da alteridade, quanto do reforço do não esquecimento dessas memórias. O poema em referência, ao expressar a força da alteridade afro-brasileira, permite uma relação com o que diz o filósofo Paul Ricouer sobre a importância do passado rememorado para fortalecer um sentimento de pertença para aqueles que lutam por reconhecimento:

Essa alteridade que, por sua vez servirá de ancoragem à diferenciação dos lapsos de tempo à qual a história procede na base do tempo cronológico. Resta que esse fator de distinção entre os momentos do passado rememorado não prejudica nenhum dos caracteres maiores da relação entre passado lembrado e o presente, a saber, a continuidade temporal e a minhadade da lembrança. (RICOUER, 2007, p. 109)

A partir do que afirma Ricouer, podemos destacar o trabalho da literatura, da arte em geral, na tentativa de reforçar sentimentos de pertença e de identidade. Esse trabalho mostra-se no poema “Romaria”, ainda do livro *E... feito de luz*, em que são rememorados costumes religiosos do povo, nos quais se misturam devoção e tradição. Fitas e santos, pessoas seguindo o altar num cenário que se completa com a fé, expressam-se neste trecho “Acreditando que o querer e o ser/ serão transformados/num sentimento/ que as palavras/não poderão explicar.”



Devoção e crenças compactuando formas de agir e sentir. Assim o poema constrói os passos da Romaria, que vão do divino ao espiritual, à persistência de ritos e lembranças de um passado histórico, que é expressado pela religiosidade e desejo de rememorar a memória coletiva de um povo.

Romaria  
Nesse altar vão as dores, alegrias,  
noites de vigílias  
longas romarias.

Acreditando que o querer e o ser  
serão transformados  
num sentimento  
que as palavras  
não poderão explicar.

Nesse altar vai nosso longo caminho,  
tantas vezes tão bem definido,  
concreto,  
no entanto,  
no final a gente se sente  
como o sol que balança na bacia.

Vai também a dor de quem sente dor,  
de meninas e mulheres  
e meninos-homens.

E a dor de quem provoca dor  
Dor de Ruanda,  
dor de África,  
que olhando de longe  
parece apenas briga tribal  
O tempo nos diz  
que precisamos nos informar  
sobre o que está  
por de trás do trágico!

Nesse altar vão todas as cores,  
luzes, tradição  
dos nossos mais variados desejos  
e necessidades.

Vai nesse altar  
o uivado do cão,  
noites onde nuvens  
misteriosas pairam no ar.  
Da janela, homens e mulheres  
atentos à lua obscura,  
convidando a todos  
a uma viagem ao submundo,  
profundezas frias e úmidas  
escondidas da luz.

Lá, de onde emergirá  
toda nossa sabedoria.

Nesse altar vai a certeza:  
de dentro virá a luz.  
Que nos fará enxergar a luz  
de toda criação.  
Em toda a arte.

(CRUZ, 2006, p. 12)

No espaço textual construído pelo poema, contemplam-se histórias de um contexto de homens e mulheres que passaram por caminhos tortuosos, marcados pela dor: “Dor de Ruanda/dor de África.” Nesses caminhos, a noite faz-se símbolo de um cenário em que “[...] nuvens/misteriosas pairam no ar” e “profundezas frias e úmidas/ escondidas da luz” remetem à busca de sabedoria e claridade.

O altar, como símbolo da memória da escravidão, de luta e resistência, também significa a busca de um tempo de festejos que não podem ser esquecidos: “Nesse altar vão todas as cores, / luzes, tradição/ dos nossos mais variados desejos/ e necessidades.” No altar, celebra-se também a necessidade de manter viva a certeza de que um dia o preconceito terá fim, pois reavivar as memórias dos afrodescendentes pode fortalecer “toda nossa sabedoria”, como descrito nos versos seguintes:” Nesse altar vai a certeza/de dentro virá a luz./Que nos fará enxergar a luz/ de toda criação/ Em toda a arte.”

A poetisa, ao evocar a memória coletiva de seu povo e de seus antepassados, a sua memória individual, retoma feitos de mulheres e homens que, retirados de sua terra para servirem à escravidão, souberam ressignificá-los. Nesse sentido, é importante ressaltar os significados dos poemas construídos por Ana Cruz como forma de reexaminar o passado do povo negro brasileiro, para melhor compreender o seu presente. Como afirma Emilene Correa (2014, p. 64), a obra da escritora mineira Ana Cruz ajuda a “refletir sobre histórias ancestrais e [sobre] o desrespeito aos direitos sociais do negro presente ainda hoje” na sociedade brasileira.

### 3 O MAR ONDULOSO DA MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO<sup>3</sup>

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
 A memória bravia lança o leme:  
 Recordar é preciso.  
 O movimento vaivém nas águas-lembranças  
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
 salgando-me o rosto e o gosto.  
 Sou eternamente naufraga,  
 mas os fundos oceanos não me amedrontam  
 e nem me imobilizam.  
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.  
 Sei que o mistério subsiste além das águas.

(EVARISTO, 2011, p. 17)

Permeado pela memória, um componente buscado em tantos escritos de Conceição Evaristo, o poema tomado como epígrafe deste capítulo, do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, encena a história da escravidão, de vidas e pessoas cujas vozes ainda ecoam nos dias atuais. Nos versos iniciais do poema, é destacado um elemento marcante e simbólico: o mar. Esse elemento remete à trajetória dos africanos escravizados, àqueles que cruzaram o mar. “O mar onduloso” e seus movimentos passam pelas memórias que se fazem “bravias”, ao impulsionarem o leme da navegação pelas histórias que emergem do “movimento vaivém nas águas-lembranças”, das agruras do povo negro, africano e escravizado e os seus descendentes.

O poema vale-se da comparação do mar com a memória. O verso “O mar vagueia onduloso sob meus pensamentos” remete às lembranças, à “memória bravia” lançada neste mar, sobre a terra deixada para trás; à toda uma vida que ao ser lembrada provoca emoções, como no verso “dos meus marejados olhos transborda-me a vida”, que se faz permeada pela resistência e opressão que negros e mestiços trouxeram consigo” (PEREIRA, 2012, p. 37).

Os versos do início do poema ligam-se também a identidades, lugares, relações e inter-relações que se constituíram a partir da “herança africana que marcou e marca, em maior ou menor grau, os modos de sentir, pensar, sonhar e agir de certas nações” (KI-ZERBO, 1982). Tais heranças mostram-se, no poema em referência, quando alude ao fato de que a memória retomada transborda a vida, “salgando-me o rosto e o gosto”. O elemento sal pode ser

---

<sup>3</sup> No título do capítulo, a expressão “mar onduloso da memória” foi tirada, com autorização da autora, de título de artigo de Maria Nazareth Soares Fonseca, publicado em 2014, citado nas referências.

entendido como indicador das marcas deixadas pelo tráfico negreiro, mas também do que veio a partir da trajetória diaspórica, do gosto deixado pelo vaivém das “águas-lembranças”.

No verso “Sou eternamente naufraga”, o advérbio de intensidade “eternamente” enfatiza o sentimento de que as lembranças não se apagam. Estas voltam-se sempre evocadas pelo mar e suas ondas “bravias” que vão e vêm, acentuando a instabilidade que estará inscrita no reconhecimento do eu lírico como naufrago, e também como alguém que sobreviveu “[d]os fundos dos oceanos” bravios e a quem essas lembranças não “amedrontam e nem imobilizam”. A luta pela sobrevivência desta naufraga implica também a batalha por tudo o que está previsto para esta sobrevivente, herdeira de traços culturais e ancestrais e vivências, que não foram tragadas pelos “fundos dos oceanos”. Nesse sentido, vale ressaltar o trabalho imagético construído pelo poema que explora o fluir das ondas do mar para evidenciar o movimento da memória e pensamentos que vão e vêm.

Por isso, como indica o título do poema, recordar é preciso, para se reconstituir o canal da apropriação do passado histórico, processo pelo qual, conforme afirma o filósofo Paul Ricoeur, a palavra assume os sentidos encaminhados pela lembrança, pelo recordar, bem ligada ao *pathos*, tendo uma relação com a ação e seu agente (RICOEUR, 2007, p. 135). A afirmação de Ricoeur permite que se veja, no poema em estudo, a interação do eu lírico com suas memorações, porque esse recordar se faz, como poeticamente exposto, pelo movimento do mar, as reminiscências retomam as pessoas e situações e “retecem” saudades e experiências traumáticas. Ao mesmo tempo, a memória, como a oscilação das ondas do mar, resgata elementos constitutivos de um sujeito que relaciona com um patrimônio cultural uma riqueza comum que deverá ser transmitida de geração a geração.

E por que “Recordar é preciso”? A recordação se faz necessária porque, quando acionada, a memória possibilita unir fatos individuais e coletivos, sentimentos, trocas de vivências e “relações e inter-relações”. Independentemente do tempo e espaço vividos, essas memórias “tornam-se vivas” quando retomadas. No poema em questão, a poetisa, ao se apropriar do verso de Fernando Pessoa<sup>4</sup>, substituindo o verbo “navegar” por “recordar”, transmuda o verso do poeta português a fim de ressaltar uma ação que é importante na reconstituição de um passado que precisa ser retomado para que novos sentidos se produzam a partir da revivência do passado.

Assim, para Conceição Evaristo, mais que navegar pelos mares que impeliram os descobrimentos portugueses, é preciso recordar as histórias dos escravizados soterradas neste

---

<sup>4</sup> O título de Evaristo retoma, modificando, o título do poema de Fernando Pessoa “Navegar é preciso”.

processo. Não por acaso, o verso “Uma paixão profunda é a boia que me emerge” metáforiza essa busca na palavra “ boia”, que não deixa que o eu lírico se afogue nessa busca, nem se entregue às adversidades como as enfrentadas pelos africanos nos percursos diaspóricos. Ainda é possível afirmar que a boia é o sustentáculo do não apagar da memória, das narrativas que muitas vezes ficaram silenciadas. O eu lírico sabe que não trazer à tona essas memórias seria como permitir o seu completo apagamento. Recordar é, portanto, a estratégia de sobrevivência, a luta contra o perigo do esquecimento (HUYSSSEN, 2000, p. 20).

Ao se valer de uma escrita poética construída com elementos memorialistas, Evaristo abarca uma “temática negra e recupera uma multifacetada memória ancestral que se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo” (DUARTE, s/d, p. 3). Com este revisitar os fatos passados e este percorrer, poeticamente, lugares físicos e emocionais a que essa memória remete, a autora produz uma literatura que se fortalece com dados da memória da escravidão negra. Como outros escritores, Evaristo revisita os deslocamentos traumáticos do povo negro, e seus textos, como os de muitos escritores da atualidade, “registram aquilo que escapa aos livros de História” (VASCONCELO, 2016, p. 12).

E, por meio da reconstituição da memória, material de que se valem os textos de Conceição Evaristo, um eu afro-brasileiro, descendente de africano, se reconhece e se questiona, por mais que essa memória traga dores e traumas que são inerentes ao passado vivido pelos ancestrais de um eu que se sabe ligado a quem foi trazido para o Brasil como escravo. Outra marca da obra da escritora, que se mostra no poema utilizado como epígrafe deste capítulo, é a que se constitui como traço identitário de uma escrita que assume memórias coletivas, até mesmo quando se refere a experiências vividas por quem diz “eu” no poema. “Recordar é preciso” porque o passado retomado ainda se faz atual. Por isso, nos poemas, contos e romances escritos por Evaristo, o passado traumático da escravidão e as trajetórias de indivíduos que vivem à margem da sociedade, isto é, negros, mulheres e velhos, herdeiros dos sofrimentos vividos pela diáspora negra, estão sempre presentes.

Em outro poema, Evaristo volta a assumir o lema “recordar é preciso”, porém de forma indireta. No poema “Todas as manhãs”, memórias individuais e coletivas da escravidão e do sofrimento impresso na cor negra da pele são revisitados.

Todas as manhãs

Todas as manhãs acoito sonhos  
e acalento entre a unha e a carne

uma agudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos  
sangrando e dormentes  
tal é a minha lida  
cavando, cavando torrões de terra,  
até lá, onde os homens enterram  
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia  
ouço a minha voz-banzo,  
âncora dos navios de nossa memória.  
E acredito, acredito sim  
que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite  
ao se abrirem um a um  
no varal de um novo tempo  
escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra  
onde negras sementes resistem  
reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

A revisitação do passado é acentuada na escrita e na vivência dos indivíduos marcados pela “agudíssima dor”, mencionada no terceiro verso da primeira estrofe. Nesta estrofe, a volta ao passado fica acentuada, bem como a ideia de que recordar é sempre doloroso.

A aflição inerente ao ato de relembrar questões traumáticas que a memória retoma em forma de sonhos acalenta o não esquecimento de uma história que é como algo permanente no eu lírico. Os sentimentos fortes relacionados à escravidão, ao cativo e às reminiscências fomentam a necessidade de recordar o roubo de vidas que a memória revisita, como no trecho a seguir:

Todas as manhãs tenho os punhos  
sangrando e dormentes  
tal é a minha lida  
cavando, cavando torrões de terra,  
até lá, onde os homens enterram  
a esperança roubada de outros homens.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

Vale ressaltar que a luta para que essa memória se mantenha viva está simbolizada no uso do verbo “cavar”, porque é nesse exercício de escavação que o eu lírico remete à batalha diária da memória, buscada com “os punhos sangrando e dormentes”. Recordar o passado que ficou para trás para compor o presente, tecido com “a esperança roubada de outros homens”. Convém ressaltar o valor metafórico do verso “cavando, cavando torrões de terra”, em que a

ação de cavar remete à revisitação constante do que ficou soterrado na história. No poema, o recurso da anáfora colocado no início das estrofes, a expressão “Todas as manhãs”, intensifica a lida da recordação, com a visita aos fatos do passado para que não sejam soterrados pelo esquecimento.

Todas as manhãs junto ao nascente dia  
ouço a minha voz-banzo,  
âncora dos navios de nossa memória.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

O termo “banzo” referente à voz fortalece o clamor que se faz memória. Essa voz modulada pela dor, pela angústia busca expressar os sentidos de uma busca que marca os dias, todos os dias, e que se faz âncora de um desejo de vasculhar a memória do seu povo. O processo de recordar é marcado pela dor. Halbwachs (1990), quando discute a questão do “não-dito”, alude à angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou mesmo ao de se expor. De algum modo, a angústia de não conseguir expressar “a esperança roubada” dos muitos homens silenciados pela crueza da escravidão pontua o poema de Evaristo até a segunda estrofe. Halbwachs (1990) reflete sobre os processos geradores de silêncios, impedidores de fala e de manifestação, explicando que eles não são estanques e estão em perpétuo deslocamento.

E a partir desses deslocamentos que podemos tentar compreender os sentimentos que são expostos ou guardados na memória. No poema em referência, os versos referem-se a lamentações, choros e desabafos que, obrigados a se silenciarem, não puderem construir lugares de fala e de escuta. Visando à desconstrução desses impedimentos, os versos da última estrofe expressam a esperança em um tempo outro que desarma os silêncios e fertiliza a terra.

E acredito, acredito sim  
que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite  
ao se abrirem um a um  
no varal de um novo tempo  
escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra

(EVARISTO, 2011, p. 20)

Halbwachs (1990), enfatiza que o longo silêncio sobre o passado está longe de conduzir ao esquecimento, pois ele pode ser percebido como a resistência com que uma sociedade ou um grupo se opõe ao excesso de discursos oficiais. Vemos estas “sementes de resistência” serem perpetuadas ou passadas de geração em geração, lembranças traumatizantes ou lembranças retomadas como um ritual “todas as manhãs” para se transformarem em esperança:

onde negras sementes resistem  
reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

A memória como construção do sujeito que se diz nos poemas discutidos até aqui se refaz a partir de uma disposição para retomar o que ficou para trás ou do que pode ser construído em novos trajetos de existência. Como marca desses percursos está a intenção de revisitar as memórias silenciadas e de fortalecer formas de identidades definidas pelas vozes das memórias coletivas e individuais que lutam contra um discurso de apagamento de histórias vividas, no passado, pelos herdeiros das experiências e tradições dos africanos escravizados. Nesse sentido, podemos dizer que os poemas de Evaristo assumem o propósito de retomar essas histórias, tornando-as uma motivação para sua produção criativa de textos. Vasculhar as memórias silenciadas é assumir o direito à palavra para que, como salienta Jay Winter (2006, p. 75), sejam restauradas “novas identidades políticas e étnicas em várias regiões voláteis”.

É interessante destacar que esse movimento tende a crescer, pois, muitas vezes, a História e a Política não irão dar conta de investigar histórias e micro-histórias de tantas vidas silenciadas. Winter (2006) considera que caberá à literatura, com sua forma de encenar as vidas marginalizadas, pondo em cena personagens subjugados e postos à margem, alterar esse cenário. Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo, construída em narrativas e poemas que têm raízes fortes fincadas nas identidades coletivas e na história do povo negro, pode caracterizar uma “contra-história que desafia a falsa generalização na História” (WINTER, 2006, p. 72). Dialogando de certa forma com esse pensamento, a reflexão de Michel Pollak (1989) também enfatiza que retomar as histórias silenciadas por meio das memórias, lembranças e recordações é ordenar acontecimentos que balizaram uma existência por meio de laços que se constituíram na construção do indivíduo e na sua relação com os outros.



Há outro poema de Conceição Evaristo que caracteriza esse modo de lidar com as reminiscências. Referimo-nos a “Filhos na Rua”, que, logo nos primeiros versos, alude a imagens também presentes nos poemas analisados até aqui.

Filhos na Rua

O banzo renasce em mim.  
Do negror de meus oceanos  
a dor submerge revisitada  
esfolando-me a pele  
que se alevanta em sóis  
e luas marcantes de um  
tempo que está aqui.

O banzo renasce em mim  
e a mulher da aldeia  
pede e clama na chama negra  
que lhe queima entre as pernas  
o desejo de retomar  
de recolher para  
o seu útero-terra  
as sementes  
que o vento espalhou  
pelas ruas....

(EVARISTO, 2011, p. 19)

O poema, ao recuperar vivências que foram atropeladas durante anos, aborda o sentimento relação à perda da terra natal, ao estado de depressão que acometia os escravos logo que chegavam ao Brasil.

É interessante, neste sentido, observar o que considera Carlos Haag (2010), no artigo intitulado “A saudade que mata”. Haag afirma que o termo “banzo”, usado para explicar o mal que levou à morte muitos africanos escravizados, trazidos para as de pertencimento a uma história marcada pelo sofrimento do povo negro, significado em termos como “banzo”, “negror”. No poema, a palavra “banzo” assume diversos significados, mas guarda também sentidos atrelados à sua raiz do quimbundo<sup>5</sup> “*mbanza*”, um deles ligado ao termo “aldeia”, de acordo com o *Dicionário Kimbundo-Português* (s.d.), de A. de Assis Júnior”. No *Dicionário da escravidão negra do Brasil*, Clóvis Moura reafirma, no termo, o sentimento de melancolia em Américas, foi sempre entendido na esteira dos sintomas da nostalgia europeia, ligado, portanto, a uma doença que já vinha sendo estudada desde o século XVIII, na Europa. O autor, valendo dos estudos de Ana Maria Galdini Oda, justifica a necessidade de se aprofundarem outros sentidos ligados ao termo “banzo”, bem como pensá-lo como uma estratégia de resistência, semelhante a recursos utilizados pelos escravizados, como o suicídio,

<sup>5</sup> Língua da família banta, falada em Angola pelos Ambundos.

o enforcamento, o “comer terra” e outras manifestações extremas de resistência contra a escravidão.

As explicações sobre a origem do termo “banzo” se fazem necessárias, porque em sua gênese está o sentido buscado por Evaristo no poema “Filhos na rua”. O verso inicial do poema, “O banzo renasce em mim”, recupera o sentido da melancolia e da depressão que causavam a morte de muitos dos escravizados africanos, mas, ao mesmo tempo, parece reacender o sentido relacionado com “aldeia”, citando o termo no verso da segunda estrofe, porque é esse sentimento de pertencimento a um grupo que impulsiona a continuação da luta pela causa do povo negro.

O sofrimento revisitado faz com que sejam lembrados o cativo e a servidão, retomando também as marcas físicas do corpo e as sequelas das feridas deixadas na alma e na memória de quem conviveu com a dor. No entanto, como se expressa no poema, a “dor submerge revisitada/ esfolando-me a pele/que se alevanta em sóis/ e luas marcantes de um/ tempo que está aqui” ajudam a construir mecanismos de cura que se mostram em um “tempo que está aqui”. O tempo da retomada do passado é o do agora e as marcas, ainda presentes no corpo e na alma, assumem outros sentidos. Ao recuperar o passado, a dor emerge dele “revisitada” e ajuda a compor outros sentidos, outras propostas de vivências.

O “banzo” que causou a morte de milhares de escravizados renasce como força que reitera a decisão anunciada no poema-epígrafe deste capítulo, quando se tem a certeza de que “recordar é preciso”. Recordar é o mecanismo que impele a composição de percursos da memória que os poemas de Evaristo retomam e também assumem. A dor traumática está na pele como um sinal visível que Jay Winter observa quando diz: “quando estes homens e mulheres carregam as cicatrizes de tais memórias, mesmo quando não receberam um arranhão” (WINTER, 2006, p. 84). O teórico se refere à violência traumática vivida pelos negros africanos e pelos afrodescendentes. Estes, na atualidade, convivem com as sequelas desse trauma vivido de forma intensa e cruel por seus antepassados, algumas delas, inclusive, definindo o destino de seus descendentes. Remexer nessas memórias é se confrontar com vários tipos de violência que são recuperados e com outros que caracterizam os modos como os descendentes de escravos foram assumidos como estranhos na sociedade que os explora ainda.

As estratégias poéticas usadas pela escritora intentam reforçar o sentido de traços da memória recuperados pelo ato de rememorar. A reiteração da mesma frase, na abertura de cada uma das duas estrofes, além de se referir ao sentido do termo “banzo” como a saudade do que ficou na África, funciona como impulso ao grito que se quer fazer audível e carregado

de significações. Os significados de “banzo” nesses versos repetidos, além de explorar o recurso poético da reiteração, faz-se retomada, “revisitada” de situações históricas. Em suas “memórias literárias”, Evaristo nos possibilita ter acesso a ações que contrariam a “história oficial” defendida pelos senhores de escravos e pelos que lamentaram a perda incomensurável de grande parte da mão de obra trazida da África.

No poema analisado, a poetisa inscreve um “eu” feminino dono de uma voz que deseja ser ouvida por todas as mulheres que tiveram os seus “filhos-sementes” arrancados do seu “útero-terra”. Evaristo, de modo sutil, mas preciso, produz uma quebra de hegemonias ao desestabilizar a negação que a própria literatura, por vezes, legítima, quando pouco se interessa pelos temas ligados à escravidão negra. Ela o faz a partir de um ponto de vista menos compactuado com o interesse dos proprietários, o que subtrai da literatura afrodescendente o poder mais forte que ela poderia ter, no Brasil, quando comparada, por exemplo, com a literatura norte-americana. A poetisa abre espaço para que, em seus escritos, possa ser ouvido o “banzo” que renasce da vivência revolvida nos oceanos de sua memória e na dos seus iguais, com o intuito de visitar a dor que se atormenta e, a partir dela e com ela, construir novos mundos, ainda que só possíveis no âmbito da literatura. Ao dar a voz à mulher negra, consegue abrir um espaço no qual, muitas vezes:

Procura-se desarmar as «mordças pesadas» e permitir que as palavras construam modulações de uma escrita que, aos poucos, se desgarrar de uma intenção pragmática tão presente na literatura de combate, seja ela africana ou afro-brasileira. Questões outras, aos poucos, assumem as letras do texto com sutis intenções, configurando uma escrita que, não sendo propriedade de mulheres, com elas ganha certamente instigantes sugestões. (FONSECA, 1998, p. 1)

Como sinaliza Fonseca (1998), na citação acima, Evaristo em vários textos seus e também no poema em referência, agencia uma linguagem e um tipo de escrita com os quais pretende construir ligações entre o passado, como no poema em que se vale de significados do termo “banzo”, e procura construir imagens do presente, a partir de termos como os que constroem o título metafórico “Filhos na rua”. Devemos considerar que faz parte do seu processo criativo aludir a rastros de memórias que se atualizam, seja pela mediação da escrita, de gestos e de tradições postos a ressaltar o que foi esquecido sem ser revisitado, seja pela resistência à ordem que legitimou o tráfico negreiro e a exclusão dos descendentes de escravizados do processo legítimo de cidadania. Como no poema em referência, o grito recupera traços de uma memória silenciada, com a força da “chama negra” que brota do processo gerador de sua escrita.

Os escritos de Evaristo, sejam pautados em recordações e histórias dos que sofreram a dor que se inscreve na cor da pele negra, sejam marcados pelo desejo de mergulhar nessas histórias para revisitá-las, transformam-se na possibilidade de recolher traços de uma identidade coletiva e individual para com eles ressignificar o presente. Conforme acentua Huyssen (2000, p. 17), com as metanarrativas que ficaram à margem da sociedade, ao serem “revisitadas” por um discurso pautado por movimentos de diásporas, heranças, rituais e resistências, reafirmam-se ressonâncias de escritos e reescritos. A obra de Conceição Evaristo parece reafirmar o que Halbwachs aponta, quando acentua

que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, são na verdade, inspiradas pelo grupo. (HALBWACHS, 1990, p. 9)

É importante ressaltar que, quando a escritora nos possibilita, através de seus escritos, alcançar uma nova versão da história contada sobre a diáspora africana, em que há possibilidades de outras falas e escutas e até mesmo possibilidades de “inscrever suas lembranças contra o esquecimento” (POLLAK, 198, p. 3), os silêncios e os “não-ditos” que encobrem vítimas e situações explicitam que a memória tem sua ambiguidade. Pode remontar a momentos prazerosos, mas também pode nos remeter a fatos traumáticos e a barbáries. Como acentua Pollak (1989, p. 3), a lembrança traz de volta o todo vivido e o que pode ser descoberto a partir desta brecha aberta pela capacidade de acessar o passado.

Esse processo move várias situações suscitadas em que o sujeito que relembra pode ter sido impelido a se calar, a não falar de fatos que observou, até porque, por vezes, não tem fala ou não ocupa um espaço em que sua fala seja permitida. Na imprecisão de falas, esquecimentos e “não-ditos” entra em jogo o conflito abordado por Halbwachs (1968, p. 6), quando se refere ao movimento de “irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente”.

Ao evocar as reminiscências de um passado que tendia ao esquecimento, Conceição Evaristo questiona os efeitos desse não lembrar em grupos minoritários, postos em situações subalternizadas, herdeiros de uma tradição de homens submetidos às demandas de uma mão de obra desumanizadora e de mulheres ocupadas comomães de leite ou serviçais de afazeres domésticos. As memórias advêm de uma massa de pessoas marcadas por estereótipos responsáveis pelas imagens distorcidas, como a de negro vagabundo ou de malandro, incapaz de assumir cargos que exploram o raciocínio. As mulheres vistas como símbolo sexual,

voltadas apenas para o sexo, “desprovidas de razão e sensibilidade mais acuradas, confinadas ao império dos sentidos e artimanhas e trejeitos da sedução destinadas ao prazer isentos de compromissos”(DUARTE, 2010, p. 24).

Os textos de Evaristo, ao trazerem à tona a memória de negros e negras subalternizados, desempenham uma forma de destacar como estes homens e mulheres passaram a ser “Filhos na rua”. Isso porque mesmo quando têm um lugar de destaque na sociedade, continuamente são cobrados por imagens depreciativas, construídas por um que os explorou como peça ou coisa, nunca os vendo como os homens e mulheres que realmente são.

No poema “Filhos na rua”, Evaristo acentua a força de outro desejo, o “de retomar/ de recolher para/ o seu útero-terra/ as sementes/ que o vento espalhou/ pelas ruas”. Que significaria este desejo outro? Os versos manifestam a opressão sofrida pela população negra subjugada e largada à própria sorte como “sementes que o vento espalhou pelas ruas”. Ao encenar estes percursos da memória dos negros, o poema produz uma ressignificação por meio de uma literatura que assume as feridas que ainda não foram cicatrizadas. Imergir os textos num contexto de opressão e abandono nos faz melhor compreender os espaços físicos e psicológicos nos quais os afrodescendentes e negros estão inseridos. A provocação dos textos se constrói com a conclamação de acontecimentos que ficaram nas lembranças dos oprimidos e se refazem nos dias atuais, marcando construções identitárias sempre “em constante mudança”. Como acentua Stuart Hall (2011) a noção de sujeito se reforça com a certeza de que a identidade é formada na “interação” entre o eu e o outro. Podemos, então, perceber que:

O ser afro em seu estar no mundo (marca-se) pela diferença, reitera-se a exigência de a cultura nacional abrir um espaço que valorize a identidade afro-brasileira. Identidade construída a partir de uma história de ancestralidade africana que, cultural e fisicamente, reivindique a visibilidade de suas raízes. (FIGUEIREDO, 2012, p. 14)

Ao considerarmos a citação acima, podemos perceber que a literatura afro-brasileira ou afrodescendente apresenta um momento de afirmação de uma identidade questionadora de papel do negro na sociedade brasileira. São séculos de costumes, crenças, hábitos, situações tão presentes nas relações com o outro vivenciadas desde gerações passadas. No dia a dia, a identidade negra marca pessoas, religiões e escritos, como os selecionados para o presente estudo. Assim também as mulheres escritoras que fizeram e fazem histórias com suas narrativas vinculadas a memórias individuais e coletivas; ou com a busca de si mesmas como mulheres e como negras. O poema “Eu-mulher”, de Conceição Evaristo, expressa um modo de ver o corpo negro ressignificado por seus elementos identificadores de uma feição matriz.

Eu-Mulher

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo  
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Euforça-motriz.  
Eu-mulher  
Abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo

(EVARISTO, 2011, p. 25)

Como se percebe no poema, Conceição Evaristo disseca o corpo da mulher-mãe, ressaltando a potência de suas raízes, memórias. Uma mulher geradora de vidas e experiências que traz consigo a força, a resistência, a sutileza e o amor existentes nas figuras femininas de avós, mães e filhas perpetuadoras de tradições, gestos e vivências que fortificam o vínculo destas memórias com a gênese de funções maternas e transformadoras do mundo. Os versos iniciais do poema aludem a elementos identificadores do corpo feminino matriz: a gota do leite materno, o sangue que corre entre as pernas. Os elementos ressaltados, o leite e o sangue, remetem aos espaços ocupados pelas escravas, mães de leites, parteiras de vidas e histórias. No correr do leite, identifica-se a alusão à perpetuação da vida dos filhos de sangue, mas também dos filhos dos senhores a quem doaram alimento e cuidados. Na alusão ao sangue, é possível recuperar tanto a glorificação da vida, expressa na escolha do verbo “enfeitar”, como também a crueldade do ato que invade esse negro de mulher, inscrevendo nele a posse e o poder. Fica também expressa a singularidade da mancha de sangue que se torna identificadora da função mulher e da função mãe. Nos versos do poema, expressam-se a glória e a dor de se reconhecer a mulher, mulher fértil, mulher-mãe:

Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

(EVARISTO, 2011, p. 25)

A singularidade da “mancha de sangue” remete a mulheres tornadas símbolos de superação e de resistência que germinam histórias, experiências e os “vagos desejos” os quais “insinuam esperanças” e o ato inaugural da vida, ainda que marcado pelo sofrimento. Os versos aludem à função geradora própria do corpo-mulher e celebram esse corpo, embora seja de mulheres que, mesmo não tendo voz, são representativas de uma força que resiste ao apagamento de sua memória e que disseminam o clamor por seus filhos. Os versos constituídos pelos verbos “antever”, “antecipar” e “viver” expressam a força dessas mulheres geradoras de vida e de capacidade de transformar o mundo:

Violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo  
Antes-vivo

(EVARISTO, 2011, p. 25)

Imagens de mulher, matriarcas de narrações identitárias, figuras fortes em movimentos de memórias vividas, mantêm vivas as lembranças de um ontem e fortalecem “o que há de vir”. O reconhecimento do eu-mulher inaugura modos de celebração da mulher-fêmea-matriz, da semente que proliferará em terra propícia. No acolhimento da vida, a mulher celebrada faz-se força contínua do mundo que cria e recria. Força que movimenta conhecimentos que se expandem pelo mundo. Mulher abrigo de semente, força modificadora do mundo, como acentua o poema em seus versos finais.

Assim, essas mulheres descritas por Conceição Evaristo em seus poemas fazem-se personificação de memórias individuais e coletivas que reconstróem os herdeiros dos saberes trazidos pelos africanos e ressignificam seu lugar na sociedade, suas relações com os outros, porque reordenam “acontecimentos que balizaram uma existência e dão continuidade de sua própria história” (POLLAK, 1989, p. 6). Neste cenário de mulher-mãe, mulher que celebra a vida, revolve memórias e vivências, a escritora nos apresenta, no poema “Eu-mulher”, a celebração do sujeito feminino, o desabrochar de uma visão positiva sobre a sua capacidade gerativa. De algum modo, exorciza-se, no poema, a demanda de corpos só produtores de homens-ferramenta, homens-peça necessária ao trabalho escravo.

Ao celebrar estas “Vozes-mulheres” que transbordam vida, resistência e feminilidade, Conceição Evaristo reativa e restaura, em muitas mulheres que transitam por seus poemas do livro *Poemas de recordação e outros movimentos*, uma “força-motriz”, com que a criança convive ainda no ventre de sua mãe e que será garantia de continuidade a ser dada a esta raiz ancestral que permeia a história das mulheres em geral e da mulher negra em particular, esta, muitas vezes, obrigada a se transmutar em ama de leite, mucama, cuidadora de filhos alheios. São imagens de mulheres “comprometidas com suas existências de raça, classe e testemunhas de opressões e porta-vozes de memórias coletivas e individuais” (DUARTE, 2011, p. 98).

A fertilidade da mulher é celebrada como uma marca inscrita no corpo da “fêmea-matriz”, da “mulher-motriz” que reconhece a força desse corpo produtor de leite e sangue que abriga sementes que alterarão o cenário do mundo, descolando-se da visão pessimista e angustiada que está presente no seguinte poema “Do feto que em mim brota”.

Do feto que em mim brota

Do meu corpo  
o feto ossificado  
há de brotar um dia.  
Ele apenas se escondeu  
nos vãos de minhas  
sofridas entranhas,  
enquanto eu de soslaio  
assunto a brutalidade  
do tempo.

Do meu olhar  
a flor petrificada  
em meu íntimo solo  
contempla a distração de muitos  
e balbucia uma estranha fala,  
mas, eusei qualquer dizer,  
pois, quem convive  
com os forçados à morte,  
decifra todos os sinais  
e sabe quando o silêncio,  
julgado eterno,  
está para ser rompido.

(EVARISTO, 2011, p. 27)

Neste poema, pairam sentimentos de dor e de aflição com relação a um cenário de brutalidade. Os adjetivos “ossificado”, em “o feto ossificado”, e “petrificada”, em “a flor petrificada”, aludem a um tempo que induz a negação da força do corpo da mulher. Os adjetivos dizem de um corpo exposto à sanha dos que o possuem a força suas “sofridas entranhas”. Não por acaso, neste poema, o eu lírico transita por um tempo em que “os



forçados à morte” só podem decifrar os parcos sinais alusivos a uma outra possibilidade para sua existência. De alguma forma, o poema instala possibilidade de mudança que se anuncia no último verso do poema. Ao registrar um cenário pontuado por imagens de morte, o poema “Do feto que em mim brota” coloca-se em oposição aos sentidos construídos pelo poema “Eu-mulher”, embora a certeza da existência de uma força geradora no corpo-mulher esteja afirmada desde os primeiros versos. Pode-se dizer que, ainda que o tom desse poema seja bastante diferente do que pode ser identificado no “Eu-mulher”, existem nos versos do poema claras menções à gestação, à capacidade gerativa do corpo da mulher

No movimento de recordar as memórias sofridas, a brutalidade não silencia a visão do eulírico sobre mudanças que se anunciam mesmo em cenário de ruínas, de fetos ossificados e de balbucios. Ser mãe é sempre considerado algo bendito, abençoado, pois assim como no poema “Do feto que em mim brota”, em “Bendito o sangue de nosso ventre”, fica ratificada a celebração da vida que está anunciada num ventre de mulher.

Bendito o sangue de nosso ventre

Para Ainá, aos 19 anos, pela menstruação primeira

Minha menina amanheceu hoje  
mulher – velha guardiã do tempo.  
De mim ela herdou o rubi,  
rubra semente, que a  
primeva mulher nos ofertou.  
De sua negra e pequena flor  
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.  
Dali pode brotar um corpo,  
milagre de uma manhã qualquer.

Ela jamais há de parir entre dores,  
velhas mulheres vermelhecem  
maravilhas há séculos  
e no corpo das mais jovens  
as sábias anciãs desenham  
avermelhados símbolos,  
femininos unguentos,  
contra-sinais a uma antiga escritura.

E ela jamais há de parir entre dores,  
há entre nós femininas deusas,  
juntas contemplamos o cálice  
de nosso sangue e bendizemos  
o nosso corpo-mulher,  
E ali, no altar  
do humano-sagrado rito  
concebemos a vital urdidura  
de uma nova escrita  
tecida em nossas entranhas,  
lugar-texto original.

E em todas as manhãs amanhecemos  
dias e noites  
bendizendo o nosso sangue,  
vida-vazante no tempo.  
Nossas vozes, guardiãs do templo,  
entoam salmos e ladainhas  
louvando a humana teia  
guardada em nossas veias.

E desde todo o sempre  
matriciais vozes  
celebram nossas vaginas vertentes,  
veredas de onde escorre  
a nossa velha seiva.  
E eternas legiões femininas  
glorificam, plenificadas de gozo,  
o bendito sangue de nosso ventre,  
por todos os séculos. Todos  
Amém

(EVARISTO, 2011, p. 31)

Logo nos primeiros versos do longo poema, fica sinalizada a marca feminina da menstruação como uma “rubra semente” plantada no corpo da mulher. O adjetivo “rubra” remete ao sangue que corre nas veias da linhagem iniciada pela “mulher primeva”, a que ofertou às demais mulheres o símbolo da fertilidade. É importante observar que, nos primeiros versos do poema, misturam-se referências à filha da escritora, a Ainá, a quem é dedicado o poema, cantada como herdeira de uma tradição que está inscrita no corpo da mãe, que a gerou, e que foi legada pela “mulher primeva”, a que sacraliza o “líquido rúbeo”, que escorre do corpo feminino todos os meses.

Minha menina amanheceu hoje  
mulher – velha guardiã do tempo.  
De mim ela herdou o rubi,  
rubra semente, que a  
primeva mulher nos ofertou.

(EVARISTO, 2011, p. 31)

O sangue, a “vida-vazante”, tem o poder de fazer brotar outras vidas, concretizando o “milagre de uma manhã qualquer”.

De sua negra e pequena flor  
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.  
Dali pode brotar um corpo,  
milagre de uma manhã qualquer.

(EVARISTO, 2011, p. 31)

Os versos do poema colam-se à história da filha da escritora e à de mulheres capazes de dar à luz, sem passar pelas dores e sofrimentos legitimados por determinadas tradições. O poema dessacraliza a visão de sofrimento, inscrevendo este corpo menstruado na linhagem de “femininas as deusas” que bendizem o mênstruo e a capacidade geradora do “corpo-mulher”. Uma “nova escrita” instala-se nas entranhas da mulher, fazendo dele um “lugar-texto original”, celebrado agora “no altar do humano-sagrado rito”:

E ali, no altar do humano-sagrado rito  
concebemos a vital urdidura  
de uma nova escrita  
tecida em nossas entranhas,  
lugar-texto original.

(EVARISTO, 2011, p. 31)

O poema alude às mulheres ancestrais, às “guardiãs do templo”, este templo, personificando as guardadoras de histórias, culturas, rezas, tradições, memórias individuais e coletivas celebradas com “salmos e ladainhas” que louvam “a humana teia/guardada em nossas veias”, num ritual revitalizado, como diz o poema, “todas as manhãs”, “dias e noites”, em que o sangue que corre nas veias é celebrado como vida.

E em todas as manhãs amanhecemos  
dias e noites  
bendizendo o nosso sangue,  
vida-vazante no tempo.  
Nossas vozes, guardiãs do templo,  
entoam salmos e ladainhas  
louvando a humana teia  
guardada em nossas veias.

(EVARISTO, 2011, p. 31)

Nesta tessitura e costuras de vidas, as mulheres, durante séculos, perpetuam e celebram vidas, ocupando estes espaços preponderantes que ecoam na literatura e na vida. Evocar a memória dessas mulheres é também não compactuar com o esquecimento das raízes afrodescendentes, não deixar de ouvir as “matriciais vozes” que salvaguardam e redefinem os sentimentos de pertença.

E desde todo o sempre  
matriciais vozes  
celebram nossas vaginas vertentes,  
veredas de onde escorre  
a nossa velha seiva.  
E eternas legiões femininas

glorificam, plenificadas de gozo,  
o bendito sangue de nosso ventre,  
por todos os séculos. Todos  
Amém

(EVARISTO, 2011, p. 31)

Todos esses gestos, conhecimentos e modos de viver reafirmam formas de interação com uma cultura e tradição, além de fortalecerem as identidades de grupos, legitimando os traços identitários da pessoa a que eles pertencem. Num gesto tão sutil e delicado como o de trançar os cabelos ou o de desmanchar as tranças de uma menina, fica acentuado o afeto, a interação de afetividade, que ressoa em uma história de vida, como se mostra em outro poema de Evaristo, “Para a menina”, no qual é retomada a tradição de “trançar/destrançar o cabelo”. Para as mulheres negras, o cabelo “é considerado não de maneira isolada, mas dentro do contexto das relações raciais construídas na sociedade brasileira” (GOMES, 2002, p. 2). Os significados desse ritual estão celebrados no poema de Evaristo, que é ofertado a “*todas as meninas e meninos de cabelos trançados ou sem tranças*”:

Desmancho as tranças da menina  
e os meus dedos tremem  
medos nos caminhos  
repartido de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina  
e as minhas mãos tropeçam  
dores nas marcas lembranças  
de um chicote traiçoeiro.

Visto a menina  
e aos meus olhos  
a cor de sua veste  
Insiste e se confunde  
com o sangue que escorre  
do corpo-solo de um povo.

Sonho os dias da menina  
e a vida surge grata  
descruzando as tranças  
e a veste surge farta  
justa e definida  
e o sangue se estanca  
passeando tranquilo  
na veia de novos caminhos,  
esperança.

(EVARISTO, 2011, p. 33)

Notamos, neste poema, um movimento que retoma acontecimentos, que o gesto de desmanchar as tranças remete a caminhos percorridos e a sofrimentos que ficaram inscritos no

corpo negro. O eu lírico toca no medo que as lembranças retomam, mas também na certeza de que é preciso deixar para trás o passado, descrito pelo “chicote traiçoeiro”, pelo “sangue que escorre/ do corpo-sangue de um povo”, porque o ocorrido, trazido à tona, sinaliza a abertura de um novo caminho, o qual se mostra na repartição dos cabelos da menina.

O ritual que se inicia com o desmanchar dos cabelos, na primeira estrofe, segue, na segunda, com a lavagem do “corpo da menina”, gesto que também evoca a gama de sofrimentos marcada neste corpo em que as mãos tropeçam ainda em “marcas lembranças”. O ritual, ao mesmo tempo que evoca as dores, lava-as, tira do corpo as marcas de dor. A lembrança do sofrimento passado é desvestida do corpo da menina para prepará-la para receber outra veste, cuja cor “Insiste e se confunde/ com o sangue que escorre/do corpo-solo de um povo”. O vermelho do sangue escorre pela roupa da menina e se ajusta em novo feitio.

A utilização das formas verbais no presente do indicativo acentua a presença, no ritual de destrançar, desvestir/vestir, de sentimentos e esperança na certeza de um novo caminho:

Sonho os dias da menina  
e a vida surge grata  
descruzando as tranças  
e a veste surge farta  
justa e definida  
e o sangue se estanca  
passeando tranquilo  
na veia de novos caminhos,  
esperança.

(EVARISTO, 2011, p. 31)

Realiza-se, no poema, um rito de abertura de novos caminhos, de esperança e de “desvestimento” de marcas da subjugação do corpo negro, evocadas pela memória que, ao longo do poema, passa por um ritual de troca, de substituição de vestes fortemente significativas que tomam forma a partir da escrita de Conceição Evaristo. Nesta escrita, as histórias ouvidas se somam a um movimento no qual a memória trará o fluxo e o refluxo, e o contar de um povo tomará força.

#### **4 ESPACIALIZAÇÕES DA MEMÓRIA EM POEMAS DE ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Ao elucidar os movimentos da memória que nos possibilitam revolver as lembranças e vivências do passado para melhor compreender o presente, praticamos um esforço que impede o esquecimento das nossas origens e dos acontecimentos que marcaram a história dos afrodescendentes, bem como das sequelas deixadas pela escravidão. O não esquecimento é uma forma de preservação das memórias coletivas e individuais. Lembrar é permitir que as vozes silenciadas ressoem no presente, impedindo o esquecimento que varre da história o que foi trazido pelos africanos escravizados e mesmo o que foi herdado pelos seus descendentes.

Para Paul Ricoeur (2007), quando falamos da memória, falamos também do esquecimento. O esquecimento é emblemático da condição histórica, pois rasura a confiabilidade e instaura a força do dano, da fraqueza e da lacuna. Sob esse aspecto, como acentua o filósofo, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento. As considerações de Ricoeur salientam que, ao trabalharmos com a memória, precisamos negociar com o esquecimento para encontrarmos pontos de equilíbrio entre lembrar e esquecer e, assim, afastarmos “espectro de uma memória que nada esqueceria” (p. 424).

Diante do que expõe Ricoeur (2007), podemos considerar que temos um embate entre memória e esquecimento no sentido de que não podemos falar da primeira sem mencionar o segundo, já que o esquecimento é um elemento interligado à memória, mesmo sendo considerado como “inimigo” da capacidade de lembrar. O teórico considera a polissemia da palavra “esquecimento”, que tem diferentes graus, passando pelo apagamento dos rastros – que pode ser de caráter documental, psíquico e cerebral – e pelo o esquecimento de reserva que permite o reconhecimento visto por ele como um pequeno milagre. O rastro é, para Paul Ricoeur, um elemento fundamental do esquecimento. Não por acaso, a oficialidade se valeu dele para apagar a história da escravidão, por exemplo. Apagaram-se os rastros documentais que comprovariam atos e atitudes que não poderiam ser lembrados. Destruíram-se os rastros inscritos na memória do povo escravizado, embora deles tenham ficado as impressões deixadas por acontecimentos traumáticos que marcaram e afetaram as lembranças e constituíram os traumas.

A literatura das escritoras, cujos poemas são analisados nesta dissertação, apropria-se de rastros deixados pelas vivências de seus antepassados e por traumas cujas impressões e imagens permanecem no presente. Nesse sentido é importante retomar as observações dos

pesquisadores Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, que, em um artigo intitulado “A memória poética da guerra colonial de Portugal na África: os vestígios como material de uma construção possível”(2012), apontam que a poesia, quando é “portadora de uma memória subjetiva – memória poética – e, acima de tudo, de uma memória ameaçada” (p. 89) faz-se de vestígios, de rastros que persistem com o tempo. Os pesquisadores aludem à poesia recolhida por eles para compor a *Antologia da memória poética da guerra colonial*, publicada em 2001. Falando dos poemas coletados por eles, os pesquisadores afirmam que a escrita é uma forma de rastro contra o esquecimento porque, no volume,

memória e poesia combinam-se: a memória acumulando seletivamente rastros e recordações que se dispõem espacialmente de acordo com novas sequências que podem ir além das lembranças pessoais; a poesia como inscrição (num contexto cultural tão problemático para as inscrições) imediata e configurada, que podem assumir formas próprias. (RIBEIRO; VECCHI, 2012, p. 94)

As memórias de tempos de guerra, exibidas em forma de poemas, transformam-se em testemunho, assumem um teor documental. Do mesmo modo, a poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo, ao trazerem à tona a memória de mulheres e de homens que lutaram contra várias formas de opressão, repisam os rastros da memória para com eles solidificar as histórias de vidas subalternas muitas vezes esquecidas. No presente, o legado dos antepassados e a memória escavada nos esquecimentos permitem tecer laços com as vivências traumatizantes, para que não voltem a acontecer. Por isso, na poesia das escritoras, rastros, vestígios e lembranças compõem o acervo de memórias que fomentam os seus poemas.

No percurso de rememorar histórias e vidas, as duas grandes escritoras, Ana Cruz e Conceição Evaristo, cada uma com a sua forma de esboçar o universo afrodescendente, valem-se de memórias e nos fazem reviver cenas do passado, reconfigurando-as no presente. Criam seus poemas perseguindo a trajetória de mulheres e homens que assumiram os vestígios dos “condenados da terra”<sup>6</sup>. Ressaltam os traços de vidas negras muitas vezes subjugadas ao silêncio e ao desprezo, procurando dar a elas novos contornos e reafirmar formas novas de se estar no mundo como negros e negras, e sujeitos de uma cultura herdada dos africanos escravizados.

Como ressaltamos no primeiro capítulo desta dissertação, nos versos do poema “Coração tição”, de Ana Cruz, “Quero me lambuzar nos mares negros/para não me perder, /conseguir chegar ao meu destino.” O voltar ao passado e mergulhar na memória dos fatos relacionados à escravidão dos africanos e mesmo nas histórias deixadas por seus

---

<sup>6</sup>A expressão remete ao livro *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, e aos sentidos construídos por ele.

descendentes são necessários como construção identitária. Conceição Evaristo também destaca a identificação de sua poesia com as memórias do passado, como no poema já discutido “Todas as manhãs”. Vale recordar que o eu lírico, nesse poema e em outros, conchama elementos de um passado de sofrimentos de que fazem parte lembranças evocadas por termos como “banzo”, no verso “O banzo renasce em mim”; por “mares e oceanos”, nos versos “Do negror de meus oceanos/ a dor submerge revisitada”. As sensações que emergem do corpo sempre que o passado é referido, misturando-se ao presente. O banzo, além de demarcar um tempo, no passado, um fato da memória, também é elemento que enfatiza pertencimento, identificação. Um dado de “lugares de memória” que lutam contra o esquecimento da memória dos sujeitos negros.

As duas escritoras parecem caminhar na mesma direção, pois sua escrita literária se tece com marcas da identidade de sujeitos afrodescendentes e das várias trajetórias relacionadas com a questão da diáspora negra no Brasil. Tais questões possibilitam pensar nos diferentes sentidos de diáspora e em significados mais amplos da dispersão africana, pois implica não apenas o trânsito de pessoas, mas também de costumes, tradições culturais e religiosas, reconstruídas no Brasil a partir da memória dos escravizados africanos.

Operam-se trânsitos que estão inscritos na palavra “trânsito” que, etimologicamente, liga-se ao radical latino *trans*, com significado de transferir, transportar. Tal termo é hábil para se considerar, particularmente no caso dos africanos escravizados, o fato de, ao serem deslocados do continente africano em direção a outras terras, terem levado consigo sentimentos, vínculos e tradições guardados pela memória e pela capacidade de lembrar (ainda que a condição em que viveram nos vários destinos de aportagem tenha motivado também o esquecimento). Em seu deslocamento, nos trânsitos efetuados a partir da África, foram se alterando seus antigos costumes ligados a tradições de grupo e de etnias e vivenciando transições e mudanças nos modos de agir. Nos novos espaços, suas tradições e costumes foram reconfigurados e, a partir de diversas estratégias, traços de antigas tradições transformaram-se em elementos formadores de uma memória referencial.

Pode-se dizer que a cristalização desses traços, em lugares ocupados pela mão de obra escravizada no Brasil, contribuiu para que se preservassem elementos de uma memória silenciada pela escrita e pela História, na maioria das vezes. Pierre Nora (1993p. 7-8), ao cunhar a expressão “lugares de memória”, irá salientar a feição de lugares que se firmam nas sociedades modernas para fazer frente à “aceleração da história” e à “oscilação cada vez mais rápida e um passado morto”. O historiador se refere a lugares oficialmente criados pela sociedade, mas sua reflexão pode auxiliar na percepção de que tais lugares podem se estender



além de suas paredes e fronteiras e motivar a guardar “de qualquer coisa desaparecida” e de histórias fadadas ao esquecimento. Nora salienta que o fato de se falar tanto de memória, no mundo atual, é indicador de que a consciência de

ruptura com o passado se confunde com sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. (NORA, 1993, p. 7)

Na esteira do pensamento de Nora, podemos compreender os poemas de Evaristo e Cruz como peças de “lugares de memória”, no sentido dado pelo historiador, porque, de alguma forma, têm a intenção de salvar do esquecimento as lembranças de histórias e experiências vividas pelo povo negro, além de reforçar vínculos com as memórias que se vão esquecendo. Como temos afirmado nesta dissertação, na obra das duas autoras, percebemos uma espécie de restauração de lembranças e de memória e situações vividas pelos africanos e seus descendentes no Brasil. Seus poemas, em vários sentidos, fazem-se a partir da rememoração e do despertar para fatos ocorridos que se confundem com “o sentimento de uma memória esfacelada”(NORA, 1993, p. 8).

Nora, ao destacar o “esfacelamento da memória”, permite que se pense na memória dos negros escravizados e dos afrodescendentes que não ocupam as páginas dos livros de História e, por vezes, nem mesmo as histórias contadas por seus descendentes. Ricouer acentua que o esfacelamento da memória pode produzir o seu esquecimento. Por isso, retomar os fragmentos de memórias silenciadas, ou seja, trazê-los à tona, poderá frear seu esquecimento, como, de alguma maneira, realizam os poemas das escritoras Ana Cruz e Conceição Evaristo.

No texto “Memória, Esquecimento, Silêncio”, Michael Pollak(1989) aponta que o esquecimento da memória dos excluídos está ligado ao silêncio, ao longo silêncio imposto ao seu passado. E, ainda, o teórico afirma que a luta contra o esquecimento do passado é uma forma de não esquecimento que conduz a um ato de resistência. Ainda segundo ele, muitos grupos podem fazer do silêncio um *modusvivendi*, um recurso pelo qual grupos minoritários conseguem proteger o seu legado de memórias e, de alguma maneira, preservar um pouco do que seria “a sua história”. No entanto, o próprio Pollak considera que o silêncio pode contribuir para o esquecimento, pois, “as lembranças estão sempre na dependência de testemunhas oculares que podem desaparecer e que, por isso, precisam lutar para inscrever suas lembranças contra o esquecimento” (p. 3).

Não seria esse o mecanismo desenvolvido pela arte literária das duas escritoras brasileiras e de tantos outros cuja produção literária se volta ao acervo dos afrodescendentes? Não seria o esforço por guardar as lembranças e os hábitos conservados pela memória coletiva, os quais serão transmitidos no ambiente familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva, o que as impulsiona a escrever?

Interessante pensar que, como acentua Pollak (1989), a literatura e vários outros movimentos artísticos surgiram a partir deste “não-dito”; de silêncios que lutam para dar expressão ao que ele denomina angústia silenciada, ainda que, como afirmamos, esse silêncio possa também ser entendido como proteção contra o preconceito e a violência. De acordo com Pollak, que analisa feições de uma tipologia de discursos produzidos em ambientes de alta hostilidade, tal silêncio advém de grupos que não encontram uma escuta: “Essa tipologia de discursos, metáforas é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (p. 5).

Assim, o teórico constata o fato de que muitas histórias, que não tiveram escuta, podem ser “ouvidas” a partir da escrita que permite que vozes silenciadas tenham ressonância. É o que ele observa ao destacar a importância da escrita, malgrado as artimanhas da linguagem que, segundo ele, é “apenas a vigia da angústia...” (POLLAK, 1989, p. 5). A partir da linguagem, abre-se um caminho para o não esquecimento de histórias que lutam para ter seu respeito garantido.

Os poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo, como pontuamos, funcionam como “lugares de memória”, no sentido dado por Nora, porque, de alguma forma, têm a intenção de “salvar” a memória de vidas oprimidas, de indivíduos que foram retirados de suas terras e impedidos de viver plenamente. É importante perceber que, como aponta Pollak, a memória coletiva é um mecanismo de salvaguarda de memórias que tendem a desaparecer. Segundo Pollak, Maurice Halbwachs,

longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, a de reforçar a coesão social pela adesão afetiva ao grupo, a que ele chama de “comunidade afetiva”.(POLLAK, 1989, p. 1)

Podemos reafirmar que Ana Cruz e Conceição Evaristo, quando trabalham a questão da identidade afrodescendente em seus escritos, elaboram uma escuta de histórias silenciadas por diferentes formas de opressão, de preconceito e de descaso por uma cultura que se mantém viva entre nós. Como temos afirmado, seus poemas nos fazem retornar às nossas raízes e

restaurar os elos perdidos da convivência e de contato com as histórias e costumes trazidos pelos africanos escravizados e disseminados por seus grupos e descendentes. São essas histórias que passam a ser revisitadas nos textos das poetisas, as quais lutam contra o descaso de uma sociedade que sempre legitimou um só conceito de cultura, hábitos e modos de agir que excluíram a riqueza trazida pelos africanos. Podemos dizer, inclusive, que sofremos uma colonização e uma catequização que legitimaram modos de pensar e preceitos até hoje vigentes na sociedade. Modos de pensar que, de alguma forma, estão contestados pela literatura produzida por escritoras e escritores negros que procuram legitimar outros sistemas de representação, como sinaliza a professora Kátia da Costa Bezerra, quando afirma que

O lento processo de abertura política que se inicia nos meados dos anos setenta no Brasil possibilita a emergência de novos atores sociais que, principalmente a partir dos anos oitenta, passam a lutar por mais espaços de atuação, reivindicando, entre outras coisas, o direito de formular e legitimar outros sistemas de representação. No caso, seus posicionamentos vêm-se constituindo a partir de uma sistemática que, ao propor formas alternativas de cultura e de instituições, visa a rever valores, conceitos e padrões de comportamento que não só têm ditado o modo como se percebe o indivíduo, mas também têm procurado regular sua forma de inserção na sociedade. (BEZERRA, 2012, p. 117)

Por isso, muitos estudos se voltam para a questão identitária, como pontua Stuart Hall(2014), ao afirmar ser a identidade e seu decorrente esfacelamento uma das características da era da globalização. Segundo Hall, “pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutra: ou retornando às suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização”(p. 52). A partir desta afirmação de Stuart Hall, podemos chegar ao que Pierre Nora aborda sobre o esfacelamento da memória, pois ao mesmo tempo em que a mundialização, a massificação e a mediatização põem em risco as identidades fechadas, solapam a memória de grupos e povos que, conforme aponta o historiador, podem ser varridos do movimento da história.

Hall, no entanto, pontua uma tendência que se fortalece no mundo atual e que está de alguma maneira próxima do que afirma Nora: a tentativa, por vezes ilusória, de voltar para “as raízes”, tradições e cultura para frear o esquecimento e fortalecer as memórias de pessoas e culturas que foram “dispersadas” de seu lugar de origem. O movimento dos migrantes em busca de lugares para viverem alia-se aos projetos dos que procuram salvar do esquecimento as memórias silenciadas pelos mais diversos motivos.

Na mesma direção, Jay Winter discute no seu artigo “A geração da memória: reflexões sobre o ‘boom da memória’”, publicado nos *Estudos contemporâneos de História*, aspectos da reflexão de Pierre Nora, quando diz que

na atual conjuntura sobre a memória, no contexto histórico francês – vivemos uma memória congelada em estátuas, em objetos, em nomes de rua, em cerimônias, lendas, mitos, e mesmo em obras sobre história. (WINTER, 2002, p. 67)

Para Winter e para Nora, a obsessiva “busca da memória”, pelos museus, ações de guardar e eventos comemorativos de histórias de um passado que não mais existe, indica a dificuldade de a sociedade conviver com o esquecimento. Para Winter, há um questionamento ao se discutir sobre essas memórias que são revisitadas; ele afirma que muitas vezes esses debates são fomentados por instituições do Estado, que, por vezes, não são, de forma alguma, os verdadeiros interessados em tais memórias. Por isso, o crescimento e o interesse pelas memórias coletivas são discutidos por outros grupos, e, para o historiador, deve-se questionar os processos que advêm de muitas fontes, “algumas ligadas ao poder outras não” (WINTER, 2002, p. 69).

Winter, ao salientar que as memórias têm o poder de reivindicar algo quando são debatidas ou lembradas, de alguma maneira permite que se pense na literatura produzida por Ana Cruz e Conceição Evaristo, nos sentidos que afirmamos ao longo deste trabalho. De alguma forma, a produção literária das duas escritoras se aproxima da que é desempenhada por grupos analisados pelo historiador, sobre os quais afirma:

Grupos étnicos e minorias desprivilegiadas têm exigido seu direito à palavra, à ação e de conquistar a sua liberdade ou sua determinação. Esses esforços (de quem traz a memória à tona) quase sempre contêm a construção de suas próprias histórias, seus próprios passados passíveis de serem usados. Memória coletiva é um termo que nunca deveria se esgotar em um conjunto de histórias formadas pelo ou sobre o Estado. (WINTER, 2002, p. 70)

Desse modo, ainda com base em Winter, o trabalho e as reflexões sobre as memórias coletivas são fundamentais para constituir um direito a elas, para criar uma “contra fala” que recupere o que por muito tempo foi silenciado, e também porque é um meio de se recompor traços identitários, sejam individuais, sejam coletivos. Tal processo implica uma busca de elementos que colaboram para um pertencimento a determinado grupo.

Outro ponto considerado por Jay Winter é sobre como as histórias familiares conseguiram ser lembradas com o “boom da memória”, característico da sociedade atual. Ao se referir a um fenômeno que ocorreu no final do século XX, a partir de ativismo político, reivindicações de direitos e de reflexões filosóficas e artísticas sobre a memória, Winter considera a feição memorialista do Museu Internacional da Primeira Guerra Mundial, em Meaux, França, cujo prédio funcionou como uma base militar alemã durante a batalha do Somme, em 1916. Winter afirma que, ao expor a história da guerra, o museu torna-se ponto

atrativo para avôs, pais e netos de soldados. Os mais velhos proporcionavam aos mais novos experiências e histórias da guerra de que eles fizeram parte, e com isso compartilhavam os mais diversos sentimentos.

Jay Winter assinala a procura por histórias e memórias no museu e considera que a visita ao Museu pode ser encarada como forma de tratar as relações de família que carregam consigo os traços da memória e o desejo de tomar consciência da história dos seus. O historiador ainda lembra que é a partir do contato com essas histórias que se chama a atenção para as questões sobre as memórias traumáticas e suas consequências. A reflexão de Jay Winter ressalta que um dos desafios do mundo atual é buscar o que se considera perdido e reviver o compartilhamento de sentimentos, ações e modos de agir que singularizam o eu e o outro, pois, para ele, pensar tanto em memória como em identidade faz parte da ideia de transmissão, do esforço para fortalecer os laços que permitem a relação e inter-relação com o outro.

A partir do que temos discutido até aqui sobre o movimento da memória e o seu papel na sociedade, fica claro que rememorar o passado é reforçar as memórias identitárias que se vão constituindo nos sujeitos e que os fazem se identificar com histórias e experiências vividas. Ressaltamos nesse movimento a importância dada a lugares físicos e psicológicos de memória, como acentua Halbwachs, ao dizer que “uma das funções positivas desempenhadas pela memória comum é a de reforçar a coesão social, pela adesão afetiva ao grupo, que ele chama de “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 1990). Por outro lado, Pollak ressalta a questão das memórias subterrâneas e a possibilidade de elas emergirem e serem passadas de geração a geração. Nesse processo de reconfiguração identitária, acentuam-se os modos de transmissão de um capital simbólico<sup>7</sup> produzido por modos de viver característicos de comunidades, grupos e pessoas que lutam contra a discriminação e apagamento de suas memórias.

Percebemos que Ana Cruz e Conceição Evaristo, ao se voltarem para as memórias afrodescendentes, criam estratégias poéticas que dão visualidade às cenas que compõem as suas obras. A temática do negro abarca tradições culturais, religiosas e identitárias. Como temos procurado ressaltar, em seus poemas, temas significativos como os da escravidão, da diáspora e da história dos negros escravizados ajudam a construir formas de resistência ao apagamento de memórias silenciadas. Nos poemas dessas duas escritoras, sobressaem questões psicológicas de que o banzo é uma das características, como ressaltamos em outro

---

<sup>7</sup> A expressão destacada é utilizada por Pollak, com referência ao conceito dado por Pierre Bourdieu.

capítulo, bem como os traumas e as perdas sofridas ao longo dos séculos de escravização e soterramento de identidades. É possível assinalar, na obra das duas escritoras, aspectos comuns que se mostram, sobretudo, em seus poemas. Essa semelhança está presente no modo como trabalham as temáticas espaciais e a exploração dos espaços.

Para Luiz Alberto Brandão (2007), na teoria literária, “nem se chega a indagar o que é espaço, pois este é dado como categoria existente no universo extratextual” (p. 208). O estudioso considera o espaço por suas “características físicas, concretas [...], ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito dos sujeitos ficcionais e recurso de contextualização da ação”. Chama atenção para o espaço psicológico que caracteriza “as projeções sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens” (BRANDÃO, 2007, p. 208). Essas considerações nos ajudam a destacar o trabalho espacial na obra das duas autoras e observar algumas semelhanças e dessemelhanças que permitem aproximações na escrita literária produzida por elas.

Podemos afirmar que o espaço físico do maré abordado nos poemas das duas escritoras para remeter à trajetória dos negros africanos escravizados e às suas incertezas com relação aos novos espaços para onde seriam exportados. Essa característica fica acentuada em poemas de Conceição Evaristo, como “Recordar é preciso”, “Filhos na Rua”, “Os sonhos”, “Meu Corpo igual”, “Fêmea-Fênix”, trabalhados no primeiro capítulo dessa dissertação. A mesma temática integra os poemas de Ana Cruz, como “Senhoras das Águas”, “Memória”, “Um tempo”, presentes no segundo capítulo deste trabalho.

Com frequência, nos poemas referidos, há alusões ao espaço físico dos portos e à desumanização dos que neles foram tratados como mercadoria. Outro cenário presente em poemas das duas escritoras, embora com tratamento particular, remete aos porões dos navios negreiros e às casas-grandes e senzalas em que os escravizados passaram por atrocidades e viveram momentos de angústia, sofrendo os desmandos dos senhores.

Na obra de Conceição Evaristo, a referência aos espaços em mistura com tempos diversos fica evidente no poema “Vozes-mulheres”, em que a referência aos navios negreiros une-se ao lamento pela “infância perdida”. Na voz da avó, ecoam as lembranças da necessária “obediência aos brancos-donos de tudo”. A voz da mãe relembra o trabalho duro nas cozinhas alheias. Em todo o poema, a questão espacial está presente, ajudando a construir a memória de lugares marcados pela dureza da escravidão. Tais referências sustentam, no poema, a certeza de que a liberdade que se pode ouvir na voz da filha tece-se com as memórias restauradas.

Já na obra de Ana Cruz, a questão espacial está presente no poema “Madura” do livro *Guardados da memória* (2008), quando se fala da preparação do casarão, que será pintado com “o barro com o tom desejado” para a festa do casamento. Ao mesmo tempo em que a pintura do casarão remete a costumes próprios de lugares periféricos, reverencia-se a memória de costumes herdados dos africanos. Espaços e tempos diversos habitam os versos do poema.

Outra marca dos poemas dessas escritoras são os lugares marcados por afetos, por lembranças de momentos felizes vividos em espaços em que a família se reunia. A lembrança desses lugares evoca elementos de um ritual em que o sagrado e o divino são reverenciados e repassados a outras gerações. Hábitos simples e costumes consagrados são lembrados, como mostramos, no poema de Ana Cruz, “Felizes”, trabalhado em outro capítulo e também no poema “Vitória”, que se segue:

Vitória

Quero sabores, cheiros, aromas originais, recuperar a memória do sentir, identificar no sótão de vidas passadas conhecimentos, rituais, aprendizados, sedimentados com sabores e aromas. Despossuído de aromas o corpo não tem vitalidade, perde o suporte. Mecânico, manipulável, executa somente os comandos habituais. Procuo meus aromas e sabores, os mesmos que compunham a melodia sutil, não triunfalista de Vitória sobre a Morte.  
Melodia que irradiou minha consciência me fez compreender o sentido de Vitória sobre a Morte.  
Olhando pai e mãe retintos, inteiros; cantando coma alegria, ombros eretos, olhares erguidos.

(CRUZ, 2008, p. 29)

No poema de Ana Cruz, percebe-se que o desejo da voz lírica acentua-se ao se referir ao “sótão das vidas passadas” como espaço de solidificação de forças que precisam ser recobradas. Os versos “[...] Despossuído de aromas o corpo não tem/ vitalidade, perde o suporte [...]” expressam o valor do que é evocado da memória coletiva a partir do gesto de voltar ao “sótão” e procurar fotografias ou objetos que sedimentam o passado lembrado.

Já no poema “De Mãe”, de Conceição Evaristo, os valores estão inscritos na figura materna indicada desde o título, figura sensível feminina preñe de gestos que acompanham o eu lírico na relação com o passado e presente, essencial para o caminhar no mundo. Os versos aludem à herança deixada pela mãe: “Foi de mãe todo o meu tesouro/veio dela todo o meu ganho/mulher sapiência, yabá, /do fogo tirava água/do pranto criava consolo.” Os apelos espaciais atravessam os versos do poema em sutis referências ao trabalho executado pela mulher e à mãe evocada pelos dons de recolher e disseminar os saberes aprendidos e passados

à filha. Os espaços revisitados são marcados pela ternura com que são lembradas as heranças deixadas pela mãe.

De Mãe

O cuidado de minha poesia  
Aprendi foi de mãe,  
mulher de por reparo nas coisas,  
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala  
na violência de meus ditos  
ganhei de mãe,  
mulher prenhe de dizeres,  
fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro  
veio dela todo o meu ganho  
mulher sapiência, yabá,  
do fogo tirava água  
do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso  
dado para esconder  
alegria inteira  
e essa fé desconfiada,  
pois, quando se anda descalço  
cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou  
para os cantos milagreiros da vida  
apontando-me fogo disfarçado  
em cinzas e a agulha do  
tempo movendo no palheiro.

Foi mãe que me fez sentir  
as flores amassadas  
debaixo das pedras  
os corpos vazios  
rente às calçadas  
e me ensinou,  
insisto, foiela  
a fazer da palavra  
artifício  
arte e ofício  
do meu canto  
da minha fala

(EVARISTO, 2011, p. 40)

Além dos espaços físicos, delineados e evocados em poemas como “Raízes” e “Felizes”, da obra poética de Ana Cruz, e em “Vozes-mulheres”, e “Mãe”, de Conceição Evaristo, o espaço psicológico é também colocado em cena em vários poemas das autoras. Muitos poemas tocam em feridas e em traumas deixados por sofrimentos. Também aludem à



resistência, luta e sobrevivência. Os poemas das duas escritoras deixam claro que, quando a literatura focaliza espaços nos quais o negro está inserido ou não, permite que o leitor tenha acesso a informações trazidas pelo modo como são visitados o contexto histórico dos nossos antepassados e as histórias vividas por eles.

Assim, podemos compreender nessa volta ao passado um movimento de relações que envolve um conhecimento de outra história sobre a diversidade e heranças culturais que fazem parte da (re)construção e da identidade do povo negro. Fortalecem-se, assim, a memória individual e a de grupos, sempre em diálogo para a continuidade de “lugares de memória” em que as histórias dos africanos escravizados e as de seus descendentes possam ser visualizadas, como um “momento particular da nossa história”, talvez seguindo as considerações feitas por Nora, quando acentua que

a este momento particular da nossa história, momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. (NORA, 1984, p. 01)

E, para fortalecer o viés comparativo que caracteriza este capítulo, compreendemos os poemas de Conceição Evaristo e Ana Cruz como peças de “lugares de memória”, no sentido dado por Nora, porque, de alguma forma, têm a intenção de “salvar” a memória de indivíduos e grupos que sempre estiveram à margem da sociedade. Nesse sentido, é possível afirmar que trabalhar com a memória do povo negro é reivindicar espaços e lugares nos quais possa ser reverenciada a sua importância na construção histórica do Brasil.

Assim, podemos dizer que as obras das duas escritoras criam pontes para a construção de uma sociedade mais justa, que saiba respeitar o diferente e suas formas de interagir com o mundo. A ruptura do passado, como acentua Nora (1993) fortalece a fragmentação dos fatos relativos à história do povo negro e acentua o problema de apagamento de fatos relativos a essas histórias. A literatura nos ajuda a olhar para trás e a perceber o que aconteceu, de fato, na história dos povos escravizados. Ao vasculharmos o passado, lidamos com a possibilidade de evocarmos sentimentos que impedem que as memórias coletivas e individuais sejam apagadas, como sempre foram.

Podemos afirmar que essas duas escritoras vão caminhando na mesma direção, tendo em comum o fato de serem mulheres negras e terem nascido no estado de Minas Gerais, logo, são ligadas às memórias características desse lugar, como comprovam as pesquisas realizadas por Edimilson de Almeida Pereira (2003). A questão da mineiridade faz-se pano de fundo,

evocando cenários e costumes presentes em poemas de Ana Cruz, mineira de Visconde do Rio Branco, Zona da Mata, e de Conceição Evaristo, nascida em Belo Horizonte. Por isso, na obra das duas escritoras, as “coisas” de Minas Gerais fortalecem o vínculo que elas têm com o lugar de nascimento, aspecto que está presente nos poemas aqui estudados.

Ana Cruz, em uma entrevista feita por Emilene Corrêa Souza (2014), aponta que “A afirmação da minha mineiridade é natural, eu não saberia me comunicar sem ela, é uma coisa intrínseca”. Em seus poemas, é possível perceber os sentimentos por ela aludidos. Tendo vivido até os 15 anos na Zona da Mata mineira, e somente depois indo residir no Rio de Janeiro, traz para os seus poemas questões e modos de viver da infância até a adolescência. Essas lembranças são marcantes na sua escrita e compõem parte dos cenários habitados por trens, mulheres doces, mexendo os tachos, bordadeiras e artesãs que tecem, com pontos e retalhos, vidas e histórias de tradições e crenças. Todas essas características fazem parte de poemas como “Minas”, “Raízes” e “Registro de um tempo” (os dois últimos trabalhados no primeiro capítulo desta dissertação).

No poema “Minas”, por exemplo, lendas como a da Mãe do Ouro, simpatias e costumes misturam-se à lenda dos extraterrestres que “andam a pé por lá”. Afirmando “coisas estranhas” que acontecem em Minas Gerais, resgata-se a memória de “extintos quilombos” e do “Morro da Forca” que remete ao suplício dos escravizados acusados de crimes.

#### Minas

Têm balões, três marias e disco voador  
desfilando no céu do mundo,  
desfilando no céu do Brasil.

Em especial desfilando em Minas Gerais  
terra extraordinária  
Não é à toa que os extraterrestres  
Frequente andam a pé por lá.

É verdade sim, quando dizem  
que Minas recebe  
Extraterrestre.  
Eu sou de lá...

Existe muitas coisas estranhas por  
aquelas bandas  
minha mãe, viu várias vezes  
a Mãe do Ouro reluzindo nas  
noites escuras.  
Minha tia avó deu um nó na ponta da saia,  
andou léguas chegou na mata, agarrou  
a cobra que mordeu seu filho.

Ta lá a sinergia dos extintos Quilombos,

os Quilombolas e o Morro  
daForça.

Minas é ondeaterraé mais feminina.  
Talvez seja essa a explicação  
para tantos mistérios  
E casos Sobrenaturais.

(CRUZ, 2006, p. 73)

Além de referir-se a lendas e crenças que habitam “a terra extraordinária” lembrada, os versos acentuam que, em Minas, “a terra é mais feminina” justamente porque as histórias contadas guardam as sutilezas da voz e memórias da mulher.

O eu lírico de Conceição Evaristo, nos versos do poema “Mineiridade”, apresenta-nos um universo de comidas e expressões típicas do mineiro, com que é refeito um trajeto imagético da cidade que tem elementos culinários e modos de ser marcantes, como o queijo, o quiabo e a tranquilidade. É nesse sentido que o poema ressalta traços de uma mineiridade que se constrói como “coisas de Minas”, como dizem os versos do poema: “Chegando de Minas/ trago sempre nos bolsos/ queijos, quiabos babentos/ da calma mineira”. Tais produtos e sentimentos marcam os sentidos de outros versos como: “Meus olhos chegam divagando saudades, / meus pensamentos cheios de uais/ e estacidade aqui me machucam/ me deixa maciça, cimento/ e sem jeito.” (EVARISTO, 2011, p. 80).

Nos versos citados, a voz poética proclama que, longe de sua cidade natal, não é a mesma, pois a distância enfraquece o sentimento tão prazeroso de vida, provocado pelo ar puro e pela natureza. Longe de Minas, o eu lírico diz ter o “coração fechado” e que a cidade, na qual diz estar, provoca dor, “machuca”, transtorna-lhe os sentimentos. O poema nos mostra a distinção entre os lugares: uma cidade causa aflição, agonia que chegaa machucar, a outra traz lembranças boas, como o “gosto de terra na boca”.

Constatamos que, para as duas autoras, ser mineira é imprescindível e, por isso, encontramos em seus poemas elementos deste pertencimento, guardados nas memórias evocadas das romarias e de altares onde o povo deposita sua fé. Além disso, são venerados os lugares de reza, de brincadeiras e onde as meninas e os meninos despertam para a vida. Um aspecto marcante em seus poemas é a presença de mulheres afro-brasileiras que narram suas experiências, conhecimentos de um passado que as legitimam como senhoras de um tempo e como detentoras de um saber. Firmes em suas posições de perpetuadoras de um legado pautado na dor e na ferida que ainda não cicatrizou, mas também em feitos de seu povo, guardados pela tradição de resistência e alegria de levar essa força para frente.

Ao trabalharmos com Ana Cruz e Conceição Evaristo, percebemos como que elas dão vivacidade às mulheres, mães, filhas e netas de senhoras que (re) tecem suas vidas ao transmitirem ensinamentos, práticas e tradições; que contam suas histórias retomando gestos que as singularizam. Ao evidenciar estas mulheres e trabalhar com as memórias coletivas e individuais que fazem parte de lembranças acolhidas como matéria de poesia, acolhe-se também vivências e experiências que ainda caminham entre nós.

No livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, composto de 52 poemas, Conceição Evaristo nos brinda com 16 que são dedicados à mulher, sendo que em 3 deles homenageia as escritoras Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus e Beatriz Nascimento, dedicando, também, um à atriz Léa Garcia, lidando com várias feições da memória de mulheres negras. Nessa obra, Conceição Evaristo celebra memórias femininas, como nos poemas “Vozes-mulheres”, “Eu-Mulher”, “Do fogo que em mim arde”, “Do feto que em mim brota”, “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, em memória de Beatriz Nascimento, “Menina”, “Bendito o sangue de nosso ventre”, “Para a menina”, “Da mulher, o tempo...”, “Amigas”, “Fêmea Fênix”, dedicado a Léa Garcia, “De mãe”, “Da velha à menina”, “Da menina, a pipa”, “Carolina na hora da estrela”, “Clarice no quarto de despejo”. Ao visitar essas mulheres, Evaristo torna possível a consonância das “vozes-mulheres” que ela resgata de diversos momentos, trazendo ao presente traços de suas vidas, como afirma Irís Maria da Costa Amâncio, no prefácio do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*:

A história da escravidão revista a partir das vozes de mulheres negras que com maior ou menor sonoridade jamais deixaram de ecoar desde os porões dos navios; a mulher apresentada como fênix, como fêmea-matriz-mãe, menina, velha, exercendo papéis variados, sugerem o desejo de realçar o papel de sujeito ativo das mulheres negras no presente e no passado no interior de situações nas quais as marcas de gênero, etnoraciais e também sociais não deixam dúvidas quanto a dupla carga atribuída às mulheres negras em seu cotidiano. (AMÂNCIO, 2011. p. 11)

Com intenção semelhante, as mulheres, nos três livros estudados de Ana Cruz, são conclamadas como guerreiras, avós, mães e filhas donas de si e do que acreditam, seguindo uma tradição e mais determinadas por sua condição de estarem no mundo como detentoras de um saber a ser transmitido de geração a geração. Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo, em um artigo sobre a escritora, afirma que

as mulheres de Ana Cruz são personagens do dia a dia com nomes comuns – Alice, Dora, Júlia, Margarida – ilustram a diversidade do universo feminino: paixões, sonhos, ilusões, entregas, lutas e resistências. Enfim, são mulheres em busca de si

próprias, que se perdem entre o trabalho da casa, os filhos e o marido, que rezam e lutam para se reencontrarem, terem uma vida mais justa. Seus livros não são feministas, mas principalmente femininos, em que as mulheres que rezam são aquelas que creem em dias melhores, em vidas melhores, na luta, na capacidade e na sensualidade feminina. (ARAÚJO, 2008, p. 335)

Como foi apontado na citação acima, podemos observar as mulheres negras trabalhadas pela autora, como fortes, decididas e donas de si mesmas, como no poema “Retinta”, no qual se retomam imagens de mulheres como a mãe preta, que, sorridente e bonita, “Nem parece que passou por tantas”, embora tenha dado “[...] um duro danado entre a roça e os bordados”, mas que também soube dizer: “[...] não esfrego chão dessas/ Senhoras”, reconhecendo que “Se a pessoa não tiver orgulho de ser assim Zulu”, “[...] Se autodeprecia, adoce.”(CRUZ, 2008, p. 15)

Para finalizar, é importante ressaltar que as autoras Ana Cruz e Conceição Evaristo pintam os retratos de mulheres negras em seus textos, aludindo a problemas que atingem o povo negro provocados pela forma com que a sociedade o visualiza, marcando-o, muitas vezes, por imagens que desconsideram sua história concreta e sua luta para constituir-se como cidadão. Ana Cruz e Conceição Evaristo mostram em seus poemas uma quebra de paradigmas seguidos por gente que “coloniza”, como é dito em verso do poema “Retinta”, de Ana Cruz, e que ressoa nos versos do poema “De Mãe”, de Conceição Evaristo, quando recupera a força de mulheres negras que ensinaram aos filhos e filhas “a fazer da palavra/artifício/arte e ofício” de novos cantos e falas.

## 5 À GUIZA DE CONCLUSÃO

Ao passarmos pelos movimentos presentes na poesia de Conceição Evaristo e Ana Cruz, vimos que muitos poemas das autoras refletem a preocupação com o não esquecimento da história do povo negro, história que precisa ser conhecida para se fortalecer o enfrentamento ao racismo e à exclusão. Assim, de forma significativa, as autoras retomam a memória do povo negro para com ela amenizar as sequelas deixadas pela escravidão, sofrimento e preconceito.

Como procuramos demonstrar, as autoras exploram as lembranças de feitos que se materializaram em ritos e cantos e em histórias que foram passadas de geração a geração. Tais rituais, que estão presentes nas manifestações das religiões afro-brasileiras, são assumidos pela literatura que, como a produzida pelas autoras referidas, vem se fortalecendo com o legado deixado pelos africanos escravizados e seus descendentes.

Ao longo de cada capítulo, destacamos que as poetisas colocam no papel as heranças dos ancestrais, procurando fazer das memórias individuais e coletivas um movimento de resistência contra uma sociedade excludente que, conforme observa Cuti (2012), reforça “o ideário do país constituído pela histórica opressão social” (p. 19). O escritor denuncia as estratégias de segregação próprias do país, quando assinala que:

Antropólogos e sociólogos, incumbidos de justificar a escravização colonial e, em seguida, a exploração capitalista do trabalho, esforçaram-se por projetar um país de aparências, escondendo cruéis práticas discriminatórias. (CUTI, 2012, p. 19)

Ao procurar na memória do povo negro, dos herdeiros de tradições africanas, elementos para comporem sua poesia, as escritoras Ana Cruz e Conceição Evaristo retomam as feridas impressas no corpo de negros e negras, mas também os bons momentos de convivência familiar e de grupo, nos quais são reverenciadas as alegrias, festas e convivências que alimentam a certeza de que “recordar é preciso”, como afirma o poema de Evaristo.

Em vários momentos desta dissertação, afirmamos que, quando os afro-brasileiros reivindicam um espaço de fala, procuram se constituir como sujeito de sua própria história, assumindo uma visibilidade e valor sempre necessários ao combate ao racismo e ao apagamento de suas memórias. Por outro lado, quando Evaristo e Ana Cruz expõem, em seus versos, traços de sua identidade e de seu esforço para retomar suas memórias silenciadas, de alguma forma reverenciam os africanos que foram obrigados a andar em volta de uma árvore para que as lembranças dos lugares de pertença ficassem para trás.

O penoso ritual exigido dos escravizados que seriam transformados em força de trabalho, é metaforizado por elementos de um outro ritual em que a escrita poética se transforma em resistência ao apagamento de memórias. Assim, os poemas de Evaristo e Ana Cruz, analisados nesta dissertação, indicam a vanidade do esforço cruel para a anulação das memórias, exatamente porque caminham na contracorrente dessa ordem desumana. As “memórias subterrâneas”, como acentua Michel Pollak (1989), emergem nos poemas das duas escritoras com a força que a escrita lhes propicia.

Dessa maneira, os poemas das escritoras, trazidos para compor este trabalho, encenam várias faces do povo negro, reverberando um grito de liberdade e possibilidade de terem uma voz, que mesmo sendo intermediada, faz desse povo protagonista de um passado que está sendo reescrito no presente. As escritoras Conceição Evaristo e Ana Cruz, em percursos da memória, fazem-nos refletir sobre a condição de negros e negras em uma sociedade que se apresenta tão desigual. Além disso, como procuramos destacar, seus poemas propiciam o fortalecimento de elementos da história de negros e negras, vistos enquanto frutos de culturas, que mesmo discriminadas e muitas vezes ignoradas, alicerçam, de forma incontestável, a formação do nosso país. Por isso, ao longo de todo o trabalho, está pontuado o fato de que as lembranças e recordações servem “para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p. 7).

Como o trabalho procurou destacar, os poemas das autoras, ao fazerem da memória sua motivação, possibilitam enxergar que o exercício poético com as reminiscências é algo que pode explicar muito do que fomos, muito de nossas origens, além de propiciar uma maior afeição pela diversidade. E, mais que isso, incentivam a mobilização das individualidades e subjetividades de um povo que resiste para que suas raízes permaneçam vivas.

Por fim, podemos reafirmar que as poetisas desenvolvem em seus livros e, particularmente, em seus poemas, um trabalho em que a memória, a ancestralidade e a identidade são mecanismos para protagonizar as histórias dos afrodescendentes, tornando-se, por isso, “lugares de memória”, porque são componentes de um contexto histórico-social em processo de revitalização. Como “lugares de memória”, eles contribuem para a renovação e o enriquecimento de reflexões sobre o povo negro no Brasil, bem como para o conhecimento acerca da história e da cultura afro-brasileira.

É nesse sentido que pensamos que a produção poética das escritoras estudadas neste trabalho pode motivar novos atores sociais a agirem uma sociedade na qual, muitas vezes, nós negros somos discriminados pela cor da pele, e não valorizados pelo que somos ou podemos

ser. A leitura da produção poética das escritoras e as discussões propostas por este trabalho almejam traçar uma outra via que, sinalizada pela importância de se retomar a memória do povo negro brasileiro, ajude a desconstruir a via do preconceito, da marginalização e da morte que ameaça a maioria dos jovens negros no Brasil.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim. **Desafios da memória como fonte histórica:** esquecimentos, silêncios, mutações e realidades. Disponível em: <<https://goo.gl/IYYXBs>>. Acesso: 27 maio 2016.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra.** São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BEZERRA, Kátia da Costa. A cor da ternura: tecendo os fios da memória. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs). **Poéticas afro-brasileiras.** Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC Minas, 2012. p. 117-130.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 395 p.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, 1983. 220 p.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaços Literários e suas expansões.** Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397/1495>>. Acesso em: 09 out. 2016. (p. 1-15).
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. 269p.
- CRUZ, Ana. **E... Feito de luz.** Niterói-RJ: Ykenga Editorial Ltda., 1995. 73p.
- \_\_\_\_\_. **Mulheres q'rezam.** Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2001. 129p.
- \_\_\_\_\_. **Guardados da memória.** Niterói-RJ: Ed. da Autora, 2008. 95 p.
- DUARTE, Eduardo Assis. **Conceição Evaristo: literatura e alteridade.** Disponível em: <[www.letras.ufmg.br/literafro](http://www.letras.ufmg.br/literafro)>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-5).
- \_\_\_\_\_. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção.** Disponível em: <[www.letras.ufmg.br/literafro](http://www.letras.ufmg.br/literafro)>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-10).
- \_\_\_\_\_. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 63-79, jul. 2009.
- \_\_\_\_\_. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica: história, teoria, polêmica.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 103-116. v.4. (Humanitas).
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2011. 95 p.
- \_\_\_\_\_. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Disponível em: <[www.letras.ufmg.br/literafro](http://www.letras.ufmg.br/literafro)>. Acesso em: 08 set. 2016. (p. 1-15).

FERREIRA, Amanda Crispim. **A memória em Poemas da recordação e outros movimentos de Conceição Evaristo**. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/literaafro](http://www.lettras.ufmg.br/literaafro)>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-11).

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Políticas da memória e políticas do esquecimento**. Disponível em: <<https://goo.gl/N8kOPk>>. Acesso em: 27 maio 2016.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Apresentação. In: **Poéticas afro-brasileiras**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; PUC Minas, 2012, p. 9-18.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Políticas de esquecimento e desejo de lembrar**. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata>>. p. 97-110.

\_\_\_\_\_. O mar onduloso da memória. In: FUNCK, Susana Bornéo; MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira (Orgs.). **Linguagens e narrativas – Desafios feministas**. Tubarão (SC): Ed. Copiart, 2014. p. 319-334.

\_\_\_\_\_. Literatura negra os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica: história, teoria, polêmica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 245-277. v. 4. (Humanitas).

\_\_\_\_\_. **Corpo e voz em poemas brasileiros e africanos escritos por mulher**. [S. l.]: UEA, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/ad2FGC>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

HAAG, Carlos. **A saudade que mata**. Humanidades/Pesquisa FAPESP 172, jun. 2010, p. 87-89.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990. 189 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410 p.

HUYSEN, Andreas. **Passados presentes: Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

JÚNIOR, A. Assis. Dicionário Kimbundo-Português [s/d.]. Disponível em: <<http://historiahoje.com/dicionario-kimbundu-download-gratuito/>>. Acesso em: 04 set. 2016.

KI-ZERBO, J. (Org.). **História Geral da África**. Tradução de Beatriz Turquettiet al. Paris: UNESCO/São Paulo: Ática, 1982.

KOUBI, Genevieve. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. Rad. Celene Cruz; ClémenceJouet-Pastre. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2004. p. 529-554.

MENDES, Ana Claudia Duarte. **Eco e Memória**: Mulheres, de Conceição Evaristo. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/literafrro](http://www.lettras.ufmg.br/literafrro)>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-9).

MONTEIRO, Sueli de Jesus. **A saga da escritora negra brasileira na busca da legitimidade da literatura negada**. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/literafrro](http://www.lettras.ufmg.br/literafrro)>. Acesso em: 06 jul. 2016. (p. 1-9)

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Ana Cruz. In: DUARTE, Eduardo de Assis; (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica: Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 445-450. v. 3. (Humanitas).

\_\_\_\_\_. Grandes mães, reais senhoras. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008. n. 3. p. 49-63.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Trad. YaraAunKhoury. Projeto história, São Paulo, n. 10, abr. 1993. p. 7-28.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ouro Preto da palavra**: narrativas de preceito o congado em Minas Gerais. Belo Horizonte (MG). Editora PUC Minas, 2003. p. 27.

PESSOA, Fernando. **Navegar é preciso**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>>. Acesso em: 29 jan.2016(p. 1-14).

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

RIBEIRO, Margarida Calafate. VECCHI, Roberto; A memória poética da guerra colonial de Portugal na África: Os vestígios como material de uma construção possível. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin**: Rastro, aura e história. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2012. p. 87-103.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain Fraçois. Editora Unicamp, 2008. p. 536.

SILVA, Assunção de Maria Sousa. **PonciáVicêncio, memórias do eu rasurado**. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/literafrro](http://www.lettras.ufmg.br/literafrro)>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-9).

\_\_\_\_\_. **Nações entrecruzadas**: tessitura de resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima. p. 273. 2016. Tese de Doutorado -

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pos-Graduação em Letras - Belo Horizonte.

SOUZA, Emilene Corrêa. **A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <[www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro)>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-105).

SILVA, Márcio Seligmann. **Palavra e Imagem, Memória e Escritura.** Chapecó: Editora Argos, 2006. 403 p.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 11-13.

VASCONCELOS, Julya. **A urgência da literatura de diáspora.** Disponível em: <<https://goo.gl/d37EWI>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In: SILVA, Márcio Seligmann. **Palavra e Imagem, Memória e Escritura.** Chapecó: Editora Argos, 2006. p. 66-87.